

ESCOLA DE EDUCADORAS DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

O álbum puro como ilustrador do futuro de novos leitores

O álbum puro ou livro profundamente ilustrado como promotor de diversos conhecimentos em contexto pré-escolar

Lisboa

Julho de 2013

ESCOLA DE EDUCADORAS DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

O álbum puro como ilustrador do futuro de novos leitores

O álbum puro ou livro profundamente ilustrado como promotor de diversos conhecimentos em contexto pré-escolar

Liliana Almeida

Relatório Final
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Orientadora: Mestre Joana Duarte
Ano Lectivo 2010/2011

Lisboa
Julho de 2013

Criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que o foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava, não dizia nem pensava, por estas ou outras palavras: «Que bela paisagem, que magnífico panorama, que deslumbrante ponto de vista!» Naturalmente, quando subia ao campanário da igreja ou trepava ao topo de um freixo de vinte metros de altura, os seus jovens olhos eram capazes de apreciar e registar os grandes espaços abertos diante de si, mas há que dizer que a sua atenção sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos, naquilo também que se lhe oferecesse como algo que, sem disso ter consciência, urgia compreender e incorporar ao espírito (escusado será lembrar que a criança não sabia que levava dentro de si semelhante jóia)(...) José Saramago, pg.15, 16)

Dedicatória

Dedico este meu relatório final as minhas imagens de referencia que são o meu apoio e a minha força de viver e que me dão toda a sua força e apoio para conquistar todos os meus sonhos.

Agradecimentos

Agradeço do fundo do coração aos meus pais pela força e apoio dados. Ao meu namorado pelo apoio e paciência nesta etapa da minha vida. A toda a minha família, pela alegria e esperança que me transmitem.

À Madalena, ao Duarte, á Maria, á Ana Maria, ao Duarte, ao Fred, ao Gui, ao Guga, ao Vicente, á Titi, à Carol, ao João, á Kika, á Toia e ao Joana um enorme obrigado por tornarem o meu período de estagio inesquecível e pela ajuda na realização deste relatório final. Sem eles as notas de campo não seriam tão magnificas e o trabalho em campo não teria sido tão gratificante. À educadora da aula, Luísa, pela magnifica oportunidade.

À professora Joanhina Duarte por todo o apoio que me deu e sobretudo pela tranquilidade e confiança dada.

resumo

O presente trabalho aborda a questão do não uso dos livros álbum ou livros profundamente ilustrados em educação pré-escolar. Tendo como principais objectivos: Perceber o porque dos livros álbuns ou profundamente ilustrados serem não utilizados pela educadora como promotores de diversos conhecimentos ao nível da língua portuguesa, da escrita e leitura;;entender se as crianças apreendem a história presente visualizando as ilustrações dos álbuns; conhecer quais as preferências das crianças quanto aos géneros literários infantil.;Entender se o não uso por parte das educadoras está relacionado com os gostos das crianças no que diz respeito aos géneros da literatura infantil. Este objectivos tem como finalidade responder ao problema encontrado ao longo de todos os anteriores estágios: Tendo um educador o mínimo de conhecimentos sobre as potencialidades deste género literário então porque este género ainda não é tão utilizado como os outros géneros literários? Sendo que foi impossível responder a esta questão, felizmente, porque este género literário foi utilizado pela educadora, onde realizei o meu estágio e consequentemente retirei todos os dados através de observação qualitativa.

Abstrat

The present paper addresses the issue of non-use of Wordless books or picture-books in preschool education. Having as principal objectives: Understand why wordless books or picture-book aren't used by educators as promoters of different knowledge of Portuguese language, (writing and reading) understand if children perceive the story previewing the illustrations in the wordless book; which meet the preferences of children as child to literary genres.; Understanding is not using the part of teachers is related to the tastes of children with regard to children's literature genres. This objective aims to respond to the problem found throughout all previous fieldwork: Having an educator minimal knowledge about the potential of this literary genre whw she's still not used like other genres? Being that it was impossible to answer this question, thankfully, because thi genreliterary was used by the teacher, where I did my internship and consequently withdrew all data through qualitative observation.

Introdução

Percurso Pessoa
Temática
Questões/enfoque
Objectivos
etapas de ilustração – estrutura do

1 – Paleta de cores/ Referencial Teórica

1.1. Branco – Conceito de Literatura

1.1.1. Vermelho (cor primaria) Literatura infantil e juvenil

1.1.1.1 Breve quadro histórico sobre Literatura Infantil

1.1.1.2 Benefícios da literatura infantil

1.1.2 Amarelo (cor primaria Géneros da literatura infantil

1.1.2.1 Álbuns puros ou livros ilustrados – definição

1.1.2.2 álbuns puros / livros profundamente ilustrados porque uma questão problemática?

1.1.2.3 Potencialidades do Livro profundamente ilustrado e do álbum

1.2 Ilustração

1.2.1 azul (cor primaria) – ilustração infantil

1.2.1.1 História da ilustração infantil

1.2.1.2 Funções das ilustrações nos livros infantis

1.2.1.3 O papel da ilustração nos livros profundamente ilustrados ou álbuns

2 - Técnica de Ilustração/ Metodologia de pesquisa

2.1 Técnica aguarela /Investigação qualitativa em educação

2.1.1 O Investigador

2.1.2 Os Sujeitos

2.2 Materiais utilizados - recolha dos dados

2.2.1 Pincel - Observação

2.2.2 Papiro - Notas de Campo

2.2.3 Tela/Entrevista

3 – Análise e interpretação de dados

3.1 Categorização dos dados

3.1.1 Nomes ou pseudónimos utilizados nas notas de campo.

3.2 Análise da Categoria A - Entrevistas realizadas a crianças e a ilustração das suas respostas

3.3 Análise da Categoria B : notas de Campo

3.3.1 Subcategoria 1 – observação do adulto responsável

3.3.2 subcategoria 2 – observações de crianças em contexto de pequeno grupo

3.3.3 Subcategoria 3 – observação em contexto individual

4 - Considerações Finais

Introdução

Percurso pessoal

Uma imagem vale mais que mil palavras... (Confúcio, citado em Bottentuit e Coutinho 2009)

A minha imagem actual é o reflexo de um longo percurso familiar e académico. As minhas (e muitas) imagens familiares de referência em conjunto com todas as imagens académicas que surgiram longo do meu deixaram um pouco de si, e são, sem dúvida, a grande base que define a minha imagem pessoal actual.

O meu fascínio pela imagem e especialmente pela ilustração infantil surgiu não há muito tempo, apareceu no terceiro ano de Licenciatura em Educação Básica. Numa das típicas aulas de Literatura Infantil, como muitas outras onde se estudavam os diferentes autores de referência da literatura infantil, bem como os diferentes géneros de literatura infanto-juvenil. Numa dessas tardes a professora doutora Paula Pina, apresentou como sendo uma obra de referência do género álbuns puros o livro o Ladrão de Galinhas de Beatrice Rodriguez. Um livro sem qualquer presença de texto, a não ser o título e as informações básicas pertencentes ao livro, apenas com ilustrações. Ilustrações de tal forma espantosas e bem conseguidas que prenderam a atenção de vários adultos, o que não seria de esperar pois este não deixa de ser um livro cujo principal destinatária é a criança. E mesmo não sendo um livro para adultos, consegui criar um suspense em torno daquela história. Uma narrativa cheia de momentos assustadores e ao mesmo tempo reconfortantes. Durante a apresentação dessa obra nenhuma das alunas, nem a professora disseram nem uma palavra. O silêncio foi absoluto. Um silêncio cheio de fascínio e atenção que apenas foi quebrado no final com um 'oh' ternurento e geral de toda a turma. Ninguém esperava aquele desfecho na história. Mas nunca ninguém falou, ninguém contou a sua versão da história acabara de 'ler' ou ver. Cada uma guardou para si aquilo que tinha entendido e sentido aquando da sua leitura. Cada uma guardou para si a sua lição mas todas partilhámos o mesmo momento de surpresa e fascínio pelo facto de um livro com 'apenas' ilustrações conseguir contar uma história tão complexa e completa como aquela. E quando pensei que não existiria outras obras tão bem conseguidas como aquela surgem, pelas mãos da mesma professora, não só a sequela da história bem como inúmeros outros livros do mesmo género, dos quais eu sinto obrigação de mencionar pelo menos uma autora de referência

portuguesa. Manuela Bacelar, sem dúvida uma grande ilustradora Portuguesa. Manuela Bacelar é sem dúvida uma das mais prestigiadas ilustradoras portuguesas, sem ela o mundo da ilustração em Portugal não estaria completo...

Quando ingressei no Mestrado em Educação Básica, fez todo o sentido, para mim, escolher este tema para o relatório final. Nada dá mais prazer do que fazer aquilo que se realmente gosta. E poder trabalhar os livros álbuns ou livros lustrados com um grupo de pré-escolar foi uma oportunidade inigualável. Pois é a oportunidade de juntar dois mundos que me fascinam, o da literatura infantil mais especificamente os álbuns com a prática educação de infância.

Considero as ilustrações dos livros para crianças obras excepcionais e os ilustradores verdadeiros artistas que merecem um enorme mérito por conseguirem transformar palavras em imagens e as frases em ilustrações e as histórias em livros totalmente ilustrados. Estes sem dúvida merecem um apreço especial pois este género literário requer um nível de pormenorização extraordinariamente cuidado não só ao nível da qualidade da imagem como também ao nível da coerência e da sequência temporal da história. As imagens são o princípio, o meio, o fim... São tudo da narrativa a ser contada.

Este fascínio pela imagem e pela ilustração não implica que retire o mérito e a importância de todas as outras obras literárias. Cada uma delas é igualmente importante no desenvolvimento cognitivo, pessoal e social de cada criança. E citando a Vitoria, que com apenas 5 anos explicou que não poderia escolher um género literário como seu preferido 'Porque são os dois importantes e muito úteis'. E não há nada mais verdadeiro que estas sábias palavras não tenham dito. E o realmente importa é que todas as crianças tenham acesso a todos os géneros de literatura infantil para eles próprios de forma autónoma retirem o mais valioso que cada história pode oferecer, independentemente de ser poesia, prosas ou apenas ilustrações. O contacto com o livro é essencial seja ele de que género for. O importante é o impacto positivo que o livro possui na vida da criança.

Não posso de deixar de mencionar a Educadora da aula onde realizei o meu estágio, que me deu todo o espaço e tempo para trabalhar com o seu grupo este género literário. O facto de poder trabalhar este género literário que me fascina, com crianças de pré-escolar, a idade aconselhável à leitura e exploração deste tipo de obras foi sem dúvida uma oportunidade caída do céu.

Este tema fez todo o sentido no grupo de crianças onde realizei o meu estágio, consoante as observações das primeiras semanas. Pois apercebi-me que não era cedido muito tempo a imaginação e criatividade nos que diz respeito a trabalhos manuais ou hábitos de leitura. Logo no final da primeira semana de estágio as crianças da aula em questão começaram a explorar o livro da Pequena Corujinha Branca. A actividade principal ligada a esta obra era o copiar as ilustrações do livro para uma miniatura individual do livro. (nota de campo) Não retirando mérito do objectivo da

actividade em questão. Mas o que realmente me preocupou e que teve um enorme peso aquando da escolha deste tema foi a falta de tempo que se estava a dar a imaginação e criatividade da criança. E foi exactamente nesse momento que a escolha do tema para o relatório final se tornou evidente.

Temática

O facto de defender que todas as crianças devem ter acesso a todos os géneros literários existentes juntamente com o meu fascínio pelos livros álbuns ou livros ilustrados levou a que começasse a pensar e reflectir, desenrolando o novelo de memórias dos meus antigos estágios e outras experiências ligadas à área da educação. Essa reflexão permitiu-me concluir, infelizmente, que o livro ilustrado ou o álbum puro raramente tinham sido utilizados como livros centrais na acção, nem como iniciação ou finalização de actividade. Este facto constatável durante a minha pequeníssima experiência deixou-me com uma grande inquietação. Sabendo que todos os livros são importantes na formação da criança como futuro leitor. Tendo um educador o mínimo de conhecimentos sobre as potencialidades deste género literário então porque este género ainda não é tão estimado como os outros géneros literários.

O álbum puro como ilustrador do futuro de novos (jovens) leitores

Questões

Tendo em conta tema do presente relatório, surgiram três questões essenciais nas quais a recolha de dados em campo se focalizou de forma responder às mesmas. As questões iniciais defendias são:

- Tendo em conta todas as potencialidades associadas ao livro ilustrado ou álbum, porque a educadora não o utiliza como material de apoio ou principal?
- Compreenderão as crianças a mensagem/ história ilustrada nos livros ilustrados ou álbuns puros?
- Qual a preferência das crianças entre livros ilustrados/álbuns e livros narrativos

Objectivos

é importante ressaltar que os objectivos propostos foram definidos anteriormente ao meu período de estagio, ou seja, foram definidos antes do meu percurso em campo não tendo qualquer conhecimento sobre o contexto onde se iria basear o presente relatório final.

os principais objectivos do presente relatório final centram-se essencialmente em:

- Perceber o porque dos livros álbuns ou profundamente ilustrados serem não utilizados pela educadora como promotores de diversos conhecimentos ao nível da língua portuguesa, da escrita e leitura
- Entender se as crianças apreendem a história presente visualizando as ilustrações dos álbuns
- Conhecer quais as preferências das crianças quanto aos géneros literários infantil.
- Entender se o não uso por parte das educadoras está relacionado com os gostos das crianças no que diz respeito aos géneros da literatura infantil.

Ilustrado o trabalho – estrutura

Um álbum ilustrado precisa de seguir certas etapas até ser considerado um livro e não apenas um conjunto de ilustrações. Desta forma em seguida explicitarei as etapas fundamentais à ilustração do presente relatório final.

Encontra-se dividido em três capítulos diferentes mas complementares. O primeiro capítulo ao qual nomearei de Paleta de cores, contem a informação teórica acerca do tema do trabalho. O nome paleta de cores surge como uma metáfora ao trabalho do ilustrador e do presente relatório. Da mesma é fundamental para o ilustrador utilizar as cores e combina-las entre si para tocar no coração do leitor, e fundamental para este relatório um trabalho de pesquisa teórico que aborda o tema. É de conhecimento geral que as cores tem diferentes significados associados a si. E que cada um de nós associa uma cor a um sentimento ou a um pensamento. Tal como cada cor está associada uma emoção, no presente relatório cada cor está associada a um conceito. E é precisamente neste capítulo que se encontrará uma breve defensiva de cada conceito fundamental para o tema escolhido. Como cores essenciais serão definidas o Branco e o Preto, esta metáfora nada tem a ver com a simbologia muitas vezes a si agregada. É justificável apenas por serem duas cores únicas que dentro de cada uma cabem todas as outras cores. Assim ao branco associarei o conceito de literatura e ao preto o conceito de ilustração.

A cada um destes grandes conceitos estão associadas cores primarias, que serão essas a Literatura infanto-juvenil (vermelho), géneros literários (amarelo) e as ilustrações nos livros infantil (azul) . Sendo que a partir daqui surgirão as cores terciárias que apenas são conseguidas com a existência e exploração das cores primarias. Na cor da literatura infanto-juvenil surgirão as cores terciárias da história da literatura infantil e a cor dos benefícios da literatura infantil. Dentro da cor dos géneros literários surgirão diversas variações de cor sendo esses os álbuns puros ou livros profundamente ilustrados, álbuns puros / livros profundamente ilustrados porque uma questão problemática? Potencialidades do Livro profundamente ilustrado e do álbum. Já pertencente á cor essencial Preta

surgirá a ilustração. Sendo a cor primária o azul, surgirão diferentes tonalidades desta cor sendo: História da ilustração infantil, Funções das ilustrações nos livros infantil. O papel da ilustração nos livros profundamente ilustrados ou álbuns.

Do segundo capítulo fará parte a metodologia de pesquisa, ao qual chamarei A técnica de ilustração. Da mesma forma que o ilustrador tem a sua disposição inúmeras técnicas de ilustração, e em cada uma dessas existe materiais fundamentais para a realização da sua ilustração, tendo este que escolher a técnica que mais se adequa a trabalho que ira realizar. Também neste relatório dispus de inúmeras técnicas de investigação tendo que escolher uma que mais se adequasse ao trabalho que pretendia. Desta forma este segundo capítulo explicita a técnica de aguarela utilizada na ilustração deste relatório final, ou seja, a metodologia qualitativa e os materiais utilizados para a por em pratica.

A escolha de aguarela deve-se sobretudo pela fluidez e leveza que caracteriza esta técnica. A pintura em aguarela é subtil, não utiliza cores garridas mas origina obras fabulosas. E a subtileza é também uma das características da investigação qualitativa. O investigador não se deve destacar enquanto investigador deve ser ... tal como as cores em aguarela.

Sendo que na aguarela escolhi como materiais os pincéis de pelo fino que se traduzem na forma de recolha de dados, sendo essas a entrevista e as notas de campo. Da mesma maneira que uma técnica de ilustração tem de seguir determinados pontos para dar frutos, também a análise e interpretação dos dados terá que seguir. Assim ainda faz parte deste capítulo a análise e interpretação dos dados recolhidos em campo de forma a garantir uma resposta clara e o mais preciso possível às questões defendida inicialmente.

Do terceiro e ultimo capítulo representam a ilustração em si, pois com todas cores, ou seja, com todas as referencias teóricas adquiridas juntamente com a definição da técnica e com a recolha de dados, pode-se por fim começar a ilustrar. É exactamente na ilustração dos dados recolhidos que o terceiro capítulo se focaliza. Estando presente de forma estrutura todas as recolhas e reflexões realizadas necessárias à resposta das questões definidas inicialmente.

O ilustrador necessita das cores para pintar de uma técnica e materiais ilustrar da mesma forma que este relatório necessita de todos estes capítulos para ganhar vida e sentido.

1 – Paleta de cores/ Referencial Teórico

1.1 (Cor essencial) Branco – Conceito de Literatura

A história da literatura compreende vários anos de história da humanidade ainda sem escrita, assim existem línguas e obras que somente nos tempos modernos foram reproduzidas em sinais gráficos. (Saraiva e Lopes, 1955). Considera-se desta forma, que a história da literatura escrita, comparativamente, à história da literatura oral é bastante recente. Este fenómeno levou à perda de inúmeros contos, lendas, mitos e outro tipo de saberes importantes para o ser humano nos dias de hoje. Um passado escrito perdido, mas não esquecido, graças à extraordinária capacidade de memória e de sede de conhecimentos, características grande parte da humanidade, permitiu que muitas das mais antigas 'obras literárias' predominassem na memória. Sendo anos mais tarde recolhidas e fixadas. O mesmo autor realça ainda que nem todos os documentos escritos podem ser considerados literários. Os textos literários têm que respeitar um conjunto de regras próprias e indispensáveis à aquisição do reconhecimento de obra literária.

Alexandre de Carvalho e Costa, define literatura como sendo um «Conjunto de obras estéticas, quer em prosa quer e verso, duma certa época, língua, povo, autor, género ou motivo determinado» (Costa; 1983)

Lopes e Saraiva (1955) enriquecem esta definição acrescentado que:

Uma obra pode considerar-se literária na medida em que, para além do pensamento lógico, discursivo, abstractamente conceptual adequado a problemas científicos, filosóficos, ou, em geral, doutrinários, empenhar e reelaborar os impulsos e recursos comunicativos menos conscientes, os gostos, atitudes e valores que se enraízam através do aprendizado, decisivamente formativo, da língua materna e de uma dada vida social.

Costa (1983) elucida que a obra literária 'não é a simples expressão de ideias e de afectos; interpreta-la como tal é erro grosseiro'. Uma vez que neste tipo de obra o assunto a escrever foi tão pensado e elaborado que não existe como 'valor puramente humano, subsiste a qualquer juízo

prático, mas apenas como realidade estética.’ Considerando ainda a arte literária como uma ‘verdadeiramente, a ficção a criação duma supra-realidade por meio da intuição artística pessoal’

Lopes e Saraiva (1955) consideram esta ficção, citada por Costa, como sendo a mais tipicamente literária. Pois é, nesta ficção, caracterizada essencialmente «pelo superior rendimento comunicativo que retira dos recursos literários de ordem fonológica, lexical ou morfossintáctica», que a fantasia desempenha um papel dominante.

Segundo Costa (1983) tendo consideração o conceito de literatura actualmente dominante e aceite, pertencem à literatura as obras estéticas de expressão verbal, oral e escrita.

1.1.1 (Cor Primária) Vermelho - Literatura infantil e juvenil

É precisamente na oralidade que a literatura infantil e juvenil tem as suas raízes, apesar de este ser um conceito pouco claro. Tanto Francisco Topa como Maria Torrijos, justificam esta falta de clareza por ser um fenómeno relativamente recente. Durante muitos anos a Literatura infantil «se encontrava diluído dentro de âmbito correspondiente a la Literatura general.» (Torrijos 2005), sendo que apenas à, aproximadamente 50 anos este conceito começou a ser estudado por diferentes áreas. Surgindo novos estudos que destacaram a necessidade de aprofundar e formular uma teoria crítica específica sobre a literatura infantil (Torrijos 2005) Estes numerosos estudos sobre o tema levaram a:

Literatura Infantil a reclamar unespaciopróprio dentro del conjunto general de la Literatura, para desde allí poder mostra suautonomía y especificidad artística como una manifestaciónliteraria plena (Torrijos 2005)

Juventude do conceito é bem plausível observando a data de uma das primeiras propostas sobre mesmo, que surge somente em 1975, redigido por Marc Soriano onde se pode ler:

A literatura para a juventude é uma comunicação histórica (quer dizer localizada no tempo e no espaço) entre um locutor, ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (receptor) que, por definição de algum modo no discurso do período considerado não dispõe senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afectivas e outras que caracterizam a idade adulta.

Em 1981 Vítor Manuel de Aguiar e Silva escreve a Nótula sobre o conceito de literatura infantil, que se desenvolve em torno de um conceito para Literatura infantil, onde de uma forma simples e geral a descreve como sendo «a literatura que tem como destinatário extra contextual as crianças»

(Silva.1981). Demonstrado que esta é uma forma de arte, tal como a literatura em geral, sendo apenas escrita com um destinatário fixo, as crianças.

1.1.2 Breve quadro histórico sobre Literatura Infantil

A literatura infantil escrita não poderia deixar de ter as suas raízes na oralidade. Silva refere que ‘As raízes da literatura infantil produzida e recebida oralmente afundam-se na espessura dos tempos’ e que tem origem em várias ‘matrizes’ como os mitos, crenças, e rituais religiosos, ‘invariantes ou ‘ constantes antropológicas do imaginário’ que não deixam de ser símbolos ligados ao trabalho e aos ciclos de vida, as lendas que fazem parte dos acontecimentos históricos e ainda as canções de embalar, adivinhas, entre outras que estão ‘destinadas a educar e a satisfazer ludicamente as crianças’ (Silva 1981)

Ainda Silva (1981) refere que apesar das raízes da literatura infantil e juvenil serem de cariz oral e tradicional, o que nos remete, automaticamente para um passado longínquo, tardiamente estas preciosidades começaram a ser recolhidas e convertidas a literatura escrita. Estas obras literárias de cariz oral, não tinham como principal destinatário a criança. Eram mais susceptíveis de criar interesse prender a atenção da criança, mas não foram pensadas e estruturadas de encontro as necessidades e gostos das crianças da época. Dentro destas obras, onde o destinatário principal não era a criança, **Silva (1981)** considera, *LePiacevolinotti* (as noites agradáveis) de Gianfrancesco Straparola, (1550) *Lo cunto de li cunti, ovvero lo trattenimento de peccerille* (o conto dos contos, ou o divertimento das crianças) de Giambattista Bassile (1634 e 1636) e ainda, talvez os mais conhecidos, *Histoires et contes dutemps passé* de Charles Perrault (1697) como sendo um dos principais marcos históricos da literatura infantil e juvenil.

Apesar da «literatura infantil não se poder afirmar como 'literatura', condenada que estava a circular à margem dos sistemas literários» (silva, 1981,p12) tanto Basile como Perrault escreveram e publicaram as suas obras. Estes textos recolhidos e reescritos representavam «A irrupção da fantasia, do maravilhoso e do insólito» numa época onde a «literatura se pretendia regulada pela razão, pela verosimilhança e pelo bom senso.» Num período onde o «classicismo renascentista e o neoclassicismo francês e europeu denominavam, quer na literatura como em todas as outras artes.

Mas esta marginalização não demora a ser substituída pelo que Silva descreve como sendo o ' período de ouro' da literatura infantil, este, ocorre durante o romantismo, onde os Contos dos irmãos Grimm, os contos fantásticos de Ernest Hoffman, o esguelhado de Heinrich Hoffman, os contos de Anderson (silva), foram sem dúvida as grandes obras que marcam inúmeras gerações e que enriquecem e fortalecem o conceito de literatura infantil.

Este período da história permitiu que a Literatura Infantil começasse a deter no polisistema literário um estatuto e uma função que até então não lhe tinham sido reconhecidos pela metalinguagem da chamada linguagem canónica.' (silva, 1981, pág12). Uma vez que era característico da literatura romântica privilegiar 'o sonho, a transrecionalidade, a 'ingenuidade (enquanto valor contraposta a 'artisticidade) os mitos do paraíso perdido, da pureza originária e da inocência primordial. Estas novas características da literatura geral iam de encontro as da literatura infantil o que possibilitou 'atribuir à temática da literatura infantil e aos textos literários destinados às crianças uma relevância implícita e explicitamente lhes eram recusadas pelas poéticas aristotélicas e horaciana e pelas poéticas delas derivadas' (Silva, 1981, p13).

Deverá ter-se presente, que esta transformação não ocorreu de forma «endossistêmica, motivada e orientada por uma dinâmica imanente ao sistema literário», todo este fenómeno ocorreu paralelamente as transformações socioculturais, ideológicas, ao modo de conceber o conceito de criança, de infância e de educação. A literatura infantil foi paralelamente ao conceito de criança, crescendo e ocupado um novo lugar nas sociedades. Com a crescente alfabetização das crianças, aliada ao aumento de poder de compra da sociedade em geral, a procura deste tipo de obras foi aumentando.

1.1.3. Benefícios da literatura infantil

Após vários anos de marginalização actualmente depreende-se a literatura infantil possui uma grande influência no desenvolvimento da criança. O contacto com o livro de autor ou com obras de cariz oral e tradicional, oferecem a crianças inúmeras oportunidades de aprender nas diferentes áreas do conhecimento. Este tipo de literatura tem desempenhado uma função importantíssima tendo em conta os seus destinatários 'na modelização do mundo, na construção dos universos simbólicos, na convalidação de sistemas de crenças e valores.' (Silva, 1981,pág). domelizadora que Silva refere como 'Indissolúvelmente ligada á imaginaãõ, á fantasia e ao prazer lúdico, manifesta-se de modo específico na exploração das virtualidades da língua' (Silva, 1981,p14). Através de efeitos rítmicos, jogos silábicos, aliteraões, metáforas, exercícios dicção com sequências difíceis ou raras de fonemas, ilustrações das matrizes semânticas das palavras, entre outros (Silva

1981) estes são considerados pelo autor os segredos e potencialidades da língua maternas aos quais as crianças começam a perceber e a reconhecer através do contacto directo ou indirecto com o livro. Estas potencialidades da literatura infantil, não exclusivamente no conhecimento da língua materna. As obras literárias de autor ou de cariz oral e tradicional são ricas em conceitos matemáticos como a sequência temporal, a sucessão de acontecimentos, a criação de um espírito crítico. Na área do conhecimento do mundo, são portadoras de inúmeros conhecimentos sobre a vida quotidiana, animais,

1.1.4 (Cor Primária) Amarelo Géneros da literatura infantil

Com a consciencialização a importância da literatura infantil para as crianças, começaram a surgir inúmeras obras. Tanta diversidade obrigou a categorização os diversos tipos de literatura infantil. Segundo Bastos (1999) existem dois domínios da literatura infantil e duas situações problemáticas são considerados como domínios a:

Literatura, com «tal valor «literário, escrita com um destinatário expresso, a criança ou o jovem. (...) (este) vasto conjunto de obras – que abarca três modos literários, ou seja, textos do domínio da narrativa, da lírica e do dramático- caracterizadas pela forte ligação entre o texto e o seu destinatário.

Como segundo domínio:

Temos (...) a literatura 'anexada', neste domínio podemos situar quer a literatura tradicional de transmissão oral, quer aquelas obras que se poderiam designar de 'fronteira' ou seja, não tendo sido escritas a pensar no destinatário criança, circunstâncias variadas conduziram para que hoje sejam consideradas sobretudo como literatura para crianças.

As situações problemáticas referenciadas pela autora são sobretudo os livros profundamente ilustrados/álbum puro e os livros documentário. Os livros documentário são obras que fornecem conhecimentos de factos verificáveis.

1.1.5 Álbuns puros ou livros ilustrados – definição

«Estes livros são sobretudo experiências de olhar...» (Abramovich, citado em Dominicano,2006. p 5)

Quer nos livros profundamente ilustrados quer nos álbuns puros o que predomina é a imagem, ou seja, a ilustração. Nos livros profundamente ilustrados o texto ainda surge mas de forma reduzida. Por sua vez, nos álbuns puros não existe qualquer tipo de texto, sendo a imagem/ilustração suficiente. Estas obras por definem-se pelo tipo de capa, salvo raras excepções são dura, pelo seu formato de grandes e diferentes dimensões, pela qualidade elevada do papel, pelo seu reduzido número de páginas e pelo ‘texto condensado (ou inexistente) com uma tipografia de tamanho superior e variável’ pela predominância das ilustrações ‘frequentemente impressas em policromia e, na maioria das vezes, de página inteira ou dupla página, e, ainda, pela qualidade e pelo cuidado com o design gráfico.’

Ainda dentro do género de álbuns ou livros ilustrados existem duas divisões possíveis. Os álbuns construídos «segundo um modelo de lista» que mostram situações/acções facilmente reconhecíveis mas que não contam uma história. A leitura deste tipo de obras é centrada na leitura de uma imagem isolada. (Bastos,) Por outro lado, «os álbuns construídos segundo um modelo narrativo» contam uma história ao longo de toda a obra. As ilustrações são dependentes umas das outras. «Neste caso a leitura suscita a compreensão das relações que se estabelecem de uma imagem para a outra» (Bastos) estas imagens são todas partes de uma grande narrativa. É exactamente neste último tipo de álbuns ou livros ilustrados que o presente trabalho se irá centrar.

1.1.6 Álbuns puros ou livros profundamente ilustrados porque uma questão problemática?

A questão problemática quanto à sua classificação como literatura infantil parte exactamente pela predominância da ilustração perante o texto Escarpit, citando em Bastos (1999) responde à questão poderão ou não, os álbuns considerados literatura? Com grande exactidão: ‘na medida que literatura implique escrita podemos responder pela negativa.’ (Uma vez que na maioria dos casos texto é reduzido ou inexistente) ‘Mas a ilustração como escrita é um traço gráfico.’ Desta forma, se a ilustração é o conteúdo do livro e se este é considerado um suporte de leitura poderás se considerar a ilustração como texto ou pré-texto.

Mas apesar de todas as incertezas quanto a distinção deste tipo de obras, Bastos, enaltece que «a própria aceção do termo literatura se tem actualmente alargado, abrangendo com frequência áreas até há pouco exteriores a esse território» (Bastos, 1999 p.249). Considera ainda que este género é um promotor do contacto criança-livro e que desempenha um papel determinante no conjunto das leituras das crianças e por isso seria impensável não o colocar como um género literário infantil.

1.1.7 Potencialidades do Livro profundamente ilustrado e do álbum

Este género literário é muito mais do que um mero promotor do contacto da criança com o livro, as suas potencialidades passam em áreas distintas como a aquisição da língua materna, na introdução à escrita, para aquisição do vocabulário e para reforçar o domínio da gramática narrativa (Bastos 1999), ou até mesmo na construção do seu sentido crítico e estético.

O predomínio e a influência da ilustração sobre o texto (...) devolve ao álbum o seu poder de aproximação à Arte, transportando o leitor para um universo visual, onde, numa nova configuração, a imagem adquire preeminência e desenvoltura pela capacidade de se mover e variar no tamanho, na forma, na profundidade e na cor. Mas, na verdade, a «literacia visual» extrapola a simples leitura da imagem. Trata-se de um conceito muito mais amplo, com que a criança necessita prematuramente de se familiarizar, porque, mais do que à sua leitura, o álbum apela à apreciação, à interpretação, à crítica e à manipulação das imagens que, ao lado da narrativa verbal, contribuem para a construção de sentidos

O livro ilustrado e os álbuns possuem muitos mais benefícios para a criança. A leitura e exploração destes criam oportunidades únicas para as crianças de realizarem uma leitura do mundo que os envolve, bem como um reconhecimento e reflexão do Eu no mundo envolvente (Bastos,1999,p251) permitem familiar as crianças com a estrutura narrativa, com a coerência lógica e cronológica do discurso, com as sequências temporais, o prazer do suspense e o da hipótese falhada ou realizada; favorece e promove o debate de ideias, a validação e refutação de várias hipóteses (bastos 1999) Promovem imaginação e criatividade. E criam um fascínio pelo livro, pela leitura e arte

1.2 (Cor essencial) Preto - Ilustração

1.2.1(Cor Primária) Azul – Ilustração Infantil

1.2.2 História da ilustração infantil

Apesar dos livros existirem desde o século XV somente na Revolução Industrial, que ocorreu no século XIX, houve um desenvolvimento e melhoria da qualidade gráfica dos livros infantis. A partir desta época começaram a surgir as primeiras ilustrações que apenas serviam para enfeitar os livros, para proporcionar um prazer estético às crianças ou apenas para esclarecer dados pertencentes ao texto. Mas através de estudos, outras funções e potencialidades foram percebidas e reconhecidas à ilustração, deixando de ser considerada apenas como complemento ou enfeito do texto e passando a haver outras noções em relação a esta. (Facco, 2009) ‘ A imagem ganhou *status* de arte, pois os ilustradores aprimoraram as suas técnicas e qualidade estética.’ (Facco, 2009, p.214) Para além disso ‘a compreensão da imagem como outra forma de linguagem, diferente da verbal, conferiu à

ilustração um novo papel: o de constituinte de significado.’ (Facco, 2009, p.214). a partir daí a papel da ilustração no livro infantil foi ganhando valor, existindo um concurso prestigiado de lustração Infantil o ILUSTRARTE, onde é dado o devido valor à imagem/ilustração.

1.2.3 Funções das ilustrações nos livros infantis

Facco (2009) considera o texto como sendo ‘uma unidade mínima de significação’ ou seja, um gesto simples, como um levantar de mão pode ser significar um ola não sendo necessário que a pessoa recorra a um linguagem auditiva para comunicar. O mesmo acontece com a ilustração nos livros infantis, não sendo necessário a presença de texto para comunicar ao receptor o que se deseja. Luís Camargo (1955), citado em Facco (2009) e em Massoni (afirma que tanto nos álbuns puros ou livros ilustrados onde a ilustração é a única linguagem, como nos outros livros infantis onde a ilustração dialoga com o texto, a ilustração pode ter as seguintes funções:

Função representativa: imita a aparência da personagem a qual se refere;

Função descritiva: a ilustração descreve objectos, cenários, personagens, etc. esta é predominante nos livros informativos e didácticos

Função narrativa: a ilustração mostra uma acção, uma cena conta uma historia. Típico dos livros álbum

Função simbólica: a ilustração representa uma ideia. Chamando a atenção para o carácter metafórico da história

Função expressiva/ética: A ilustração expressa sentimentos emoções e valores usando a postura, os gestos e as expressões do personagem, ou através das linhas, cores, luz e espaço. Esta ainda passa valores pessoais do ilustrador e sociais.

Função estética: a ilustração enfatiza a forma da mensagem visual, chamando à atenção pela forma como foi realizada

Função lúdica: ilustração orienta para o jogo, incluindo-se o humor como modalidade de jogo

Função conotativa: ilustração orientada para o destinatário, com o objectivo de influenciar o seu comportamento, através de procedimentos persuasivos ou normativos;

Função meta linguística: o referente da imagem é a linguagem visual ou a ela directamente relacionado, como citações de imagem, etc.;

Função fállica: a ilustração enfatiza o papel de seu próprio suporte;

Função de pontuação: ilustração orientada para o texto junto ao qual se insere, sinalizando o início, o fim ou as partes, criando pausas ou destacando alguns dos seus elementos mais importantes.

1.2.4 O papel da ilustração nos livros profundamente ilustrados ou álbuns

Neste género literário infantil, como já referido anteriormente a ilustração predomina sobre o texto, em alguns casos nem é necessário a presença do texto. As ilustrações são suficientes para contar uma história. Pois:

(...) induzem por si só, uma narrativa visual, de tal forma que, ao contrário de outros tipos de livros, o álbum é, portanto, aquele em que se torna impossível a supressão da imagem, garantindo, ainda assim, uma obra literária coerente e amplamente satisfatória. (Rodrigues 2009)

Os livros profundamente ilustrados ou os álbuns (construídos sobre um pressuposto narrativo) são puras obras de arte, o ilustrador procura uma coerência excepcional, entre todas as ilustrações pertencentes à obra. Estas ilustrações isoladas não têm grande significado, não relatam ou transmitem uma mensagem completa, pois são inseparáveis. Segundo Rodrigues (2009)

(...) cada uma das suas ilustrações pode ser vista e entendida como uma pintura, não deixando de ser formas incompletas, quando desprovidas do seu contexto original, isto porque o álbum narrativo é concebido como uma unidade (ou um «produto completo», um «desenho total», para retomar as palavras de Moebius, 2005). O álbum tem de ser visto na íntegra, prestando-se particular atenção a cada uma das suas partes (a capa, as guardas, a tipografia e as imagens) construídas numa sequência, cujas relações internas são cruciais para a compreensão do livro. Para se apreciar um álbum é preciso, portanto, e antes de mais, começar por considerá-lo como um todo, como um conjunto de propriedades que o diferenciam de outros tipos de livros.

2 - Técnica de Ilustração/ Metodologia de pesquisa

No presente capítulo é realizada uma abordagem teórica sobre investigação qualitativa e descritiva em educação. Sendo ainda realizada uma breve descrição dos participantes do estudo, ou seja, dos sujeitos, sendo estas as crianças da sala de pré-escolar e a educadora e do investigador, neste caso estagiaria. Serão ainda abordadas teoricamente as técnicas de recolha de dados, nomeadamente através da observação direta, da recolha de notas de campo e de observação participante através de entrevistas. Faz ainda parte deste capítulo a forma como são tratados os dados.

2.1 Técnica aguarela /Investigação qualitativa em educação

Cada vez mais os investigadores na área da educação têm vindo a valorizar 'a natureza organizativa, cultural e política da educação'. Essa valorização é comprovável pelo progressivo aumento de utilização de paradigmas qualitativos nos estudos sociais e educacionais realizados nos últimos 30 anos. Este demonstra um aumento do interesse sobre o mesmo o que promove um aprofundamento teórico e cada vez mais fiável sobre este tipo de metodologia. (Bresser 2000)

A investigação qualitativa é cada vez mais utilizada por estudantes de educação porque vai de encontro às necessidades profissionais destes. Como refere Erickson citado em ---- os educadores de infância também se preocupam com as especificidades dos significados tendo presentes os contextos de cada criança, e segundo Erickson esta preocupação 'ele é basilar na prática educativa diária'

Desta forma faz todo o sentido que o presente relatório final siga o modelo qualitativo pois neste

Os investigadores interpretativos compreendem as crianças e as salas de actividades, não através de métodos obscuros (.) de recolha de dados mas sim através de um recurso sistemático às mesmas idiossincrasias e sensibilidades que contribuem para

fazer bons educadores de infância, os bons amigos, os bons amantes, os bons pais e as boas pessoas – ouvir, conversar, interpretar, reflectir, descrever e narrar. (Bresser,2000, p 76)

Para LioraBresler (2000) a investigação qualitativa não tem como objectivo principal descobrir a realidade, 'já que através da argumentação fenomenológica isso é impossível' (Bresler,) mas sim, construir uma memória experiencial clara, ou seja uma memória baseada em experiências, que possa ajudar as pessoas a obter uma explicação mais sofisticada acerca das coisas. Para a mesma autora existem 11 características que definem este tipo de pesquisa e todas estas estão relacionadas com a noção construtiva da realidade. Sendo essas: (1) É **contextual** porque inclui os micro-contextos (crenças, conhecimentos e valores quer de educadores quer de crianças, os mesmo contexto (estruturas e objectivos institucionais) e os macro contextos (valores fundamentais da cultura) e **holística** porque defende uma visão integral e um entendimento geral dos fenómenos (dicionário); (2) é **orientada caso por caso**, ou seja procura entender cada caso especial. (3) É **empírica e orientada para o campo** sendo o campo o ambiente natural do caso. O enfoque é posto naquilo que pode ser observado. (4) implica um **envolvimento prolongado nos ambientes em estudo**. (5) é **descritiva** os dados recolhidos adquirem mais a forma de texto e gráficos do que números, ou seja faz-se uma descrição detalhada em linguagem 'normal'. Os resultados escritos da investigação incluem citações que ilustram e fundamentam a sua apresentação. A informação fornecida pela apresentação da informação proporciona experiências indirectas de interpretação (5) é **interpretativa** e enfática pois interessa-se pelos diferentes significados que as acções e/ou acontecimentos tem para os diferentes participantes. Faz-se uma tentativa de captar as perspectivas e percepções dos participantes, juntamente com a interpretação do investigador. (6) o **investigador é o instrumento chave**. O objectividade é impossível por definição uma vez que o investigador encontra-se sempre inserido em um contexto. As subjectividades (crenças, valores, etc.) devem ser domadas e reconhecidas em vez de suprimidas. (8) Existe uma **sobreposição de recolha e analise de dados**. Apesar de ter um estudo planeado este vai sofrendo alterações tendo em conta o ambiente em estudo. Os assuntos são focados progressivamente, incorporando questões 'emir' Ou seja questões que vão sendo suscitadas pelos diferentes intervenientes. (9) a **analise de dados é indutiva**, a orientação dos acontecimentos e os seus pontos de convergência. Emergem durante a recolha de doas e o todo só adquire a forma á medida que as partes vão sendo examinadas. (10) as **observação e as interpretações são validadas por triangulação**. A triangulação implica o confirmar dos dados através de comparação de múltiplas fontes e métodos. (11) o relatório escrito tem como objectivo principal a partilha das conclusões a que o investigador chegou. A descrição abundante ajuda os leitores a construir as suas próprias interpretações

2.1.1 O Investigador

Nos estudos qualitativos o investigador é um elemento tão importante quanto os sujeitos de estudo, pois este é o principal meio de recolha e análise de dados.

O investigador qualitativo tem como tarefa primordial a interpretação. O investigador é um intérprete constante daquilo que observa e do que considera relevante para o seu estudo. Esta observação é realizada sendo o mais discreto possível pois o investigador tem consciência que quanto mais atenção atrair para o seu estudo mais as atitudes do sujeito serão artificiais e desta forma terá menos momentos normais para observação. Sendo o trabalho mais óbvio do investigador a recolha de dados em campo o investigador tem que tentar não condicionar os sujeitos do estudo. O investigador qualitativo procura uma descrição abundante de todas as observações realizadas em campo. Isto permite que os leitores (de fora do estudo) participem na verificação das interpretações que o investigador realizou e tendo como base as descrições por ele realizadas consigam realizar as suas próprias interpretações.

Para o autor as entrevistas e outros testes são intervenções susceptíveis de chamar a atenção para a presença de um estudo. Assim o investigador deve ser o mais discreto possível, arranjando diferentes formas de recolha de dados sem fazer notar o decorrer do estudo.

O investigador pode assumir dois papéis. O de investigador não participante tentado o ser o mais invisível possível apenas regista o que observa em actividades normais sem intervir.

O investigador participante, investigador participa nas actividades normais e quotidianas do grupo mas tenta não redireccionar as actividades a decorrer. A participação pode ser marginal ou seja o investigador tem a função de ajudar e apoiar onde partilha os mesmos interesses e problemas com os sujeitos, investigador como consultor, ou pode ser mais extensiva o caso onde o investigador e o educador são a mesma pessoa. O investigador neste caso também educador tem em decurso o seu estudo ao mesmo tempo que actua pedagogicamente na sua sala. (Aires, 2011)

No caso específico deste relatório o investigador pode ser considerado participante pois este participa nas actividades quotidianas do tempo escolar e essa participação pode ser considerada extensiva, porque apesar de não ser o responsável pelo grupo todo o ano, durante o decurso do estudo que é dissociável do período de estágio, pretende-se que o estagiário seja responsável pelo grupo em todos os momentos do dia.

2.1.2 Os Sujeitos

Neste tipo de metodologia a amostra deveria ser seleccionada pelo investigador de forma a obter a máxima informação possível que permitisse uma fundamentação do projecto de pesquisa. Segundo Aires (2011) 'a escolha da amostragem é intencional porque os sujeitos que a constituem não são

escolhidos ao acaso: o investigador selecciona as unidades de amostragem a partir de critérios específicos.'

O mesmo não se sucede neste caso específica pois a escolha do local de estágio não partiu por parte do estagiário, sendo que neste caso também não existem condições para um conhecimento prévio dos conhecimentos, valores, etc. do grupo onde se realiza o estágio.

Mas um bom educador deve ter a capacidade de se adaptar 'dar a volta por cima' de todos os percalços que surjam no seu caminho...

A instituição onde decorreu o estágio e por consequência na qual se baseia este relatório final foi o 'Nosso Jardim' localizada na Freguesia de Santa Catarina em Lisboa esta é uma instituição com uma forte ligação religiosa. Mas fundamentalmente com uma base nos pensamentos e crenças de Maria Ulrich mas sem dúvida que o excerto de Antoine de Saint-Exupéry descreve maravilhosamente o tipo de trabalho que se realiza naquela instituição:

“Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui outra. Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, mas não vai só nem nos deixa sós. Leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, mas há os que não levam nada. Essa é a maior responsabilidade de nossa vida, e a prova de que duas almas não se encontram ao acaso.”

Este excerto é perceptível no pátio da instituição bem visível que para as crianças quer para os adultos.

Do grupo/amostragem fazem parte 8 raparigas e 7 rapazes com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos, todos eles passaram para o ensino básico no próximo ano lectivos. Todos eles, uns mais que outros, tinham um incrível gosto pelo mundo da fantasia, dos castelos, dos reis e rainhas, pelo imaginário, como seria de esperar nestas idades.

Todos estes são participantes das observações, sendo que alguns dos dados recolhidos foram escolhidos de modo a existir um pouco de cada um deles nesta meu relatório final. Pois considero que todos eles foram uma parte fundamental para execução deste trabalho mas não só cada um deles fascinou-me sendo uma peça insubstituível neste relatório final.

2.2. Materiais utilizados - recolha dos dados

Segundo Aires (2011) existem dois grandes tipos de técnicas de recolha de dados utilizados na metodologia qualitativa sendo essas as técnicas directas ou interrogativas e as técnicas indirectas ou não interactivas.

Neste relatório final foram utilizadas as técnicas directas ou interactivas por serem as que mais se ajustam ao pretendido.

Fazem parte das técnicas directas a observação participante, as entrevistas qualitativas e as histórias de vida. Destas três apenas as histórias de vida não serão abordadas.

2.2.1 Pincel - Observação

A observação participante consiste na recolha de dados de modo sistemático e intencional através do contacto directo com as situações estudadas, estas observações permitem. Nos uns visão mais clara e completa da realidade. Tendo como características básicas p não intervencionismo ou seja o observador/ investigador não intervém na acção do sujeito, não manipula nem estimula o sujeito de forma a obter dados. Este apenas observa. 'A observação qualitativa é fundamentalmente naturalista' Uma vez que é realizado no contexto da Acção, ou seja, não é realizada num ambiente previamente estruturado e preparado. E “não se realiza a partir de um projecto de pesquisa rígido; a sua maior virtualidade reside no seu carácter flexível e aberto” (Aires,2011)

Colás (1992) citado por Aires (2011), identifica 3 etapas de observação: (1) **selecção de Cenários** (o cenário ideal é aquele a que o investigador tem acesso facilitado onde estabelece uma boa relação com os sujeitos e que oferece informações directamente relacionadas com as questões fundamentais da pesquisa) (2) **recolha de informação** (através de notas de campo, registos Textuais dos diálogos com os actores observados e entrevistas com os informantes-chave) (3) **Tratamento de dados recolhidos** (reflexão teórica sobre os aspectos observados, formulação de conexões entre as diversas dimensões da realidade observadas). (Aires,2011)

2.2.2 Papiro - Notas de Campo

“Se não está escrito, nunca aconteceu” (Taylor e Bogdan (1997) Citados em Yuni e Urbano)

É exactamente para perder as informações recolhidas através da observação que o investigador tem que realizar notas de campo. Segundo Alzina (2009) as notas de campo são a forma narrativo-descritiva mais clássica e usual no registo de observações qualitativas. São registos escritos onde estão as memórias teóricas, pontos de vistas e reflexões pessoais que surgem da observação de uma situação ou de conversas com os participantes do estudo, ou seja, são situações observáveis fixadas pela escrita.

O mesmo autor define quatro tipos de notas de campo:

(1) **Notas de campo metodológicas**- reflectem as decisões relativas ao processo de investigação: o tipo de decisões que se tomam, o motivo da mesma, as dificuldades vivenciadas, as vantagens e os inconvenientes e sugestões para futuras investigações, etc.

(1)**Notas de campo pessoais** – referem-se as observações e reacções pessoais do investigador (atitudes, vivências, percepções, impressões) (2) **Notas de campo teóricas**- centram-se em aspectos

vinculados com o marco teórico do estudo: abstrações e geração de conhecimento teórico, sobretudo nas últimas fases (3) **Notas de campo descritivas e inferências:** podem apresentar dois tipos de conteúdo: um de carácter descritivo, de baixo nível inferencial, que tem como objectivo captar a imagem da situação, das pessoas durante a sua interacção social. E outro de carácter mais reflexivo e de alto nível inferencial que incorpora o pensamento, as ideias, as reflexões e interpretações de quem observa.

2.2.3 Tela/Entrevista

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas nos estudos qualitativos pois esta permite uma compreensão do ser humano. Tem diversas formas de ser aplicada (individuais, por grupo, telefone, etc.) e não tem durabilidade fixa. Existem três características básicas que permitem distinguir e agrupar este vasto conceito de entrevistas. (a) O numero de sujeitos entrevistados, ou seja, se são entrevistas realizadas individualmente ou em grupo (b) o numero de temas que a entrevista engloba, ou seja, podem ser Mon temáticas incidindo num só tema ou pluritemáticas incidindo em um amplo espectro de temas (c) pela estruturação ou determinação das questões a serem colocadas. Neste última características podemos distinguir dois tipos de entrevista: (1) A **entrevista estruturada** onde o entrevistador coloca questões pré-estabelecidas ao entrevistado dando-lhe um conjunto limitado de categorias de resposta. (2) As **entrevistas não estruturada** que se desenvolvem de acordo com os objectivos previamente definidos pelo entrevistador mas não seguem um guião de questões pré-definidas. Tanto as questões como as respostas surgem ao longo da interacção com entrevistador e o entrevistado. (Aires,2011)

3 – Análise e interpretação de dados

3.1 Categorização dos dados

Após de recolhidas as notas de campo e realizadas as entrevistas segue-se a leitura e interpretação destes. Essa leitura é realizada seguindo algumas das etapas defendidas por Moraes (1999)

Em primeiro lugar à que fazer a **Preparação** dos dados recolhidos. Sendo que fez parte desta a leitura de todos os dados e uma escolha dos mais pertinentes para este relatório. Após a leitura e escolha das matérias a serem utilizadas segue-se a **Unitarização**. Nesta etapa definem-se unidades de sentido, ou seja, aspectos comuns ou diferentes a todos os dados recolhidos. Posteriormente agrupasse os dados por semelhanças. Neste preciso caso serão agrupados por semelhança de contexto e de sujeitos intervenientes. Sendo que depois de agrupados por semelhanças de unidades de sentido, esses dados formam categorias.

Após seguir todos estes passos percebi que neste caso em particular faria mais sentido construir categorias onde as semelhanças seriam os contextos e os intervenientes, desta forma surgem as seguintes categorias:

Categoria A: Entrevistas realizadas a crianças e a ilustração das suas respostas

Categoria B: Notas de Campo recolhidas

Subcategoria B1 – observação do adulto responsável

Subcategoria B2 – observações de crianças em contexto de pequeno grupo

Subcategoria B3 – observações de crianças em contexto individual

Nomes ou pseudónimos utilizados nas notas de campo.

Todas as notas de campo foram observadas em contexto de sala apenas com crianças pertencentes a sala de pré-escolar. Cada um apelido pelo qual gostava de ser tratado e tendo em conta esse gosto vou respeitar essa característica do grupo. Desta forma apenas serão utilizados pseudónimos nas notas de campo, esta decisão não só respeita os gostos da criança como também a sua privacidade.

3.1.1 Categoria A - Entrevistas realizadas a crianças e a ilustração das suas respostas

Segue-se a análise dos dados recolhidos através seis entrevistas. As entrevistas foram realizadas no final do estágio para garantir que todas as crianças tivessem acesso a vários livros álbuns e entendessem o conceito de álbum puro ou livros ilustrado. Para ser de mais fácil compreensão, por parte das crianças, em vez de utilizar o nome álbum nomeio como os livros sem palavras. Rapidamente as crianças entenderam e acrescentaram como sendo os livros com zero palavras e zero letras. Ao conceito de livro profundamente ilustrado renomeiem como livro com poucas palavras.

Após todas as crianças terem contacto com pelo menos três livros álbum ou profundamente ilustrados, comecei a fazer as entrevistas. Estas foram realizadas em pequenos grupos ou individualmente.

Para além das entrevistas, serão aqui presentes desenhos realizados pelas crianças, que ilustram as entrevistas.

Questão numero 1

- **Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?**

99%, ou seja, 14 crianças responderam que preferiam os livros álbum (sem letras) ou os livros profundamente ilustrados (com poucas letras).

A única criança cuja preferência não são os livros álbuns ou profundamente ilustrados explicitou bem a sua resposta a qual passo a citar.

Entrevista na 1, data: 12/6/2013

Toia

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Poucas... quer dizer, zero palavras, quer dizer eu também gosto dos que tem muitas palavras. É assim, eu adoro aqueles (livros) que se tem de descobrir a história. Eu gosto daqueles que tenho que

descobrir a história, mas também gosto muito daqueles que me contam a história. Porque são os dois importantes e muito úteis.

Através dos resultados obtidos ao realizar as entrevistas, pode-se apreender que as crianças onde realizei o meu estágio, têm uma enorme preferência pelos livros profundamente ilustrados ou álbuns. Mas esta preferência é difícil de generalizar pois segundo Stood, Amspaugh e Hunt, (1996) existem demasiados factores que influenciam a preferência das crianças quanto aos géneros literários infantis. Sendo esses a idade, o género, o meio envolvente, a acessibilidade diferentes géneros, entre outros.

Mas existem estudos realizados que tentam compreender quais as preferências literárias das crianças. É o caso, do estudo realizado por Bamberger (n.d.) onde 'The author found that children prefer books with more than 25 % of the space in pictures.' (Stewing, 1972). Ou seja, as crianças que participaram no estudo de Bamberger preferiam livros onde a ilustração ocupa mais de 25% do livro. É importante referir que aquando da construção deste artigo o género álbum puro não era muito usual. Mas este artigo esmiúça a questão da preferência das crianças no que diz respeito à ilustração de livros infantis. Welling concluiu que ' children's illustrations should be bold, with rounded three-dimensional forms rather than flat or decorative forms. (Stewing, 1972).

No que diz respeito às cores, Welling descobriu que se o ilustrador quiser utilizar cores brilhantes não o deve fazer em formas e objectos realísticos. Ainda na questão das cores Amsden descobriu que as crianças preferem as cores claras e subtis e as sobras escuras às cores garridas e brilhantes. (Stewing, 1972).

Quanto ao conteúdo e enredo dos livros profundamente ilustrados ou álbuns, Stood, Amspaugh e Hunt, (1996) referem que as crianças têm preferências por três tipos de enredo. (1) O personagem principal enfrenta um problema tenta resolvê-lo (2) histórias que se desenrolam incidente por incidente (3) quando os personagens têm pontos de vista diferentes ou que experimentam a mesma coisa de formas diferentes (Stood, Amspaugh e Hunt, 1996)

Questão numero 2

• Porque gosta mais desses livros?

A esta questão as respostas variaram um pouco. Algumas das crianças responderam apenas que eram mais divertidos, porque eram engraçados ou mais giros que os outros. Este tipo de resposta deve-se sobretudo à forma de ser dessas crianças. De forma a complementar as respostas dadas pelas crianças procedi à recolha de desenhos realizados pelas mesmas.

Entrevista nº 3, data: 12/6/2013

Gui

Porque gosta mais desses livros?

Porque são mais divertidos e muito maluco

Entrevista nº 9, data: 14/6/2013

Porque gosta mais desses livros?

Porque gosto. Porque são mais giros.

Entrevista nº 8, data: 13/6/2013

Kika

Porque gosta mais desses Livros?

Porque são mais engraçados

Estes são alguns exemplos de perguntas não tão bem fundamentadas como as outras. Como já referi anteriormente este facto devesse sobretudo a personalidade de cada criança. Estas são as mais tímidas e que apresentam maior dificuldade de expressarem os seus pensamentos e sentimentos. Não possibilitando uma explicação tão aprofundada como o esperado. Mas o respeito pela personalidade de cada um levou-me a não insistir muito numa resposta mais completa. Ate porque isso poderia condicionar ou ate mesmo alterar a sua resposta.

As respostas que se seguem estão incluídas nas menos explícitas oralmente mas têm uma particularidade incrível, todas elas estão ilustradas por um desenho realizado pelas crianças. Para a criança o desenho é seu meio de comunicação mais precioso. (Realizados após a exploração de um dos livros.

Entrevista nº 10, data: 14/6/2013

Duarte C.

Porque gosta mais desses?

Porque são mega, malucos e divertidos

Carol

Porque gosta mais desses?

Porque são giros, porque gosto mais

O desenho é para a criança uma actividade “natural” que surge quanto esta é capaz de fazer traço e de sustentar um utensílio, sendo-lhe por isso totalmente familiar em idade pré-escolar. Os autores defendem que o ‘o desenho infantil é um dos aspectos mais importantes no desenvolvimento integral da criança e que se constitui como um ' elemento mediador de conhecimento e auto-conhecimento.' é através deste que a criança 'organiza informações, processa experiências vividas e pensadas, revela o seu aprendizado'. É ainda um importante meio de comunicação e representação da criança, pois através deste a criança expressa e reflecte as suas ideias, sentimentos, percepções,

descobertas, medos e vontades (Luciane Goldberg, et al).Ema Novaes e Lygia Neves (2004) reforçam a ideia de Goldberg, referindo que a criança ao desenhar, conta sua história, conta o que de melhor lhe aconteceu, demonstrando, lembrando e dominando a situação. Por alguns instantes, tem momentos muito agradáveis e proveitosos, expressando sua percepção de mundo. Desta forma faz todo o sentido utilizar os desenhos das crianças como peças complementares às suas questões.

Mas como referido acima nem todas as crianças são iguais e por isso também obtive respostas extraordinárias à segunda questão.

Entrevista nº 6, data: 13/6/2013

Maria

Porque gosta mais desses?

Porque são mega divertidos. E consigo ver sozinha.

Entrevista nº 12, data: 17/6/2013

João

Porque gosta mais desses?

Porque me fazem rir e porque posso ser eu a contar a história.

Um dos fundamentos utilizados pelas crianças aquando da justificação da sua preferência é a autonomia que este género lhes oferece. O facto de os poderem ler sozinhas, de não dependerem do adulto para desmistificarem a história.

O facto de não conseguirem descodificar e compreender a narrativa contada através do texto pode levar a uma frustração e posteriormente ao abandono por completo do livro. E os livros profundamente ilustrados ou os álbuns criam exactamente o sentimento contraio ao referido anteriormente. Pois o facto de a criança conseguir entender e contar a história através da descodificação de códigos conhecidos e compreendidos pela criança leva a um sentimento de 'ser capaz' e esse sentimento cria o gosto pela leitura. Muitas das crianças que ainda não têm as suas capacidades de leitura desenvolvidas utilizam o seu conceito de história ainda, em desenvolvimento, para narrar histórias excepcionais presentes nos álbuns puros. Este tipo de livros é tão flexível que dá oportunidade à crianças de desenvolver a sua própria interpretação da historia, não existindo uma narrativa incorrecta ou incompreensível (Peterson e Swartz, 2008).

É precisamente este sentimento de pertença e autonomia que as crianças onde realizei o meu estágio referem. Sendo que a exploração deste género literário em pré-escolar potencia a formação de adultos leitores.

Entrevista nº 14, data: 17/6/2013

Vicente

Porque gosta mais desses?

Porque são mais interessantes, porque podemos ver muitas vezes e são sempre diferentes,

Entrevista nº 11, data: 17/6/2013

Titi

Porque gosta mais desses?

Porque são mais giros, e porque são muitas histórias num livro

Entrevista nº 2, data: 12/6/2013

Madalena

Porque gosta mais desses livros?

Porque podemos inventar uma história, ou imensas historias as historias todas que nos apetece. Podemos inventar a história toda.

Como podemos observar nas respostas à segunda questão as crianças apreciam este tipo de livro porque lhes permite ver e ler vezes sem conta e encontrarem sempre algo de novo. Ou seja são várias histórias dentro de uma história. E cada vez relêm o livro encontram algo novo. E é essa constante descoberta que os fascina. Jesús Armas define essa constante descoberta de novas informações como sendo “sobreinformação”. Este refere que as ilustrações tanto no livro profundamente ilustrado como no livro álbum, são frequentemente muito sobre-informativas . Sendo que no livro ilustrado esse excesso é mais evidente. Mas no álbum também ocorre essa “sobreinformação”, as ilustrações permitem que o leitor retire do que observa as descrições de personagens, a localização da acção as acções que decorrem. E acrescentado a todos estes recolhidos pelo leitor as ilustrações ainda oferecem uma infinidade de objectos e visões do mundo, diferentes ideologias e abordagens comportamentais, padrões de conduta. Muitas vezes as ilustrações acrescentam acções realizadas com o objectivo de produzir algum tipo de reflexo ou comportamento imitativo (leitura ou apreciação de livros). E ainda é comum neste tipo de livros ilustrados surgirem mundos paralelos à narrativa principal, ou seja, existirem narrativas paralelas à

acção principal. Mas é exactamente disso que as crianças onde realizei o mesmo estágio gostam. De lerem e relerem e existir sempre algo novo.

Categoria B: notas de Campo

Subcategoria B1 – observação do adulto responsável

Estas subcategorias de notas de campo contem dados recolhidos através de observação não participativa. Fazem parte desta categoria somente duas notas de campo, pois tal como a nome dado a subcategoria indica estas foram direccionadas à educadora responsável pelo grupo. É importante referir que não foi possível realizar mais notas de campo, pois a educadora a partir da terceira semana de estágio propôs que eu gerisse o grupo autonomamente durante toda a sua rotina diária. Esta assumiu um papel mais secundário estando presente para ajudar e ensinar a orientar a acção pedagógica. Desta forma a partir da terceira semana quem dirigiu as acções pedagógicas, e os momentos de leitura fui eu, não fazendo sentido, para este caso específico retirar notas de campo.

Na primeira semana de estágio deparei-me de imediato com a exploração de um livro ilustrado.

Após o recreio da manha (...) as crianças da aula entraram na aula sentaram-se nas suas almofadas em meia-lua. A educadora sentada numa cadeira começou a explorar o livro d 'A Pequena Coruja Branca: - ' a M a irmã do Fred emprestou-nos este livro para vermos' a educadora começou a contar a história da coruja branca. (nota de campo nº1)

E na segunda semana com a exploração de outro livro ilustrado:

Após o recreio da manha (...) crianças sentaram-se nas suas almofadas de forma calma. A educadora já tinha posicionado a sua cadeira ao centro da meia roda formada pelas crianças. E deu início à actividade de leitura: vamos ver o livro que a Kika trouxe hoje... Chama-se o 'Grande Livro dos medos do pequeno rato' (nota de campo nº2)

CarmenLópez (2008) afirma que o primeiro contacto que as crianças mais pequenas devem ter com os livros devem ser aqueles onde predomina a imagem, e mais tarde quando finalidade tiverem adquirido o código escrito e forem capazes de seguir uma história através da leitura devem-lhes ser apresentadas obras mais complexas, onde a imagem e o texto convivam como um todo.

Cada página do livro foi lida pela educadora com o livro voltado para ela, e após a leitura de cada página eram mostradas as ilustrações às crianças. (nota de campo nº1). Aquando da observação das ilustrações as crianças participavam na construção da história fazendo comentários sobre as acções a decorrerem nas ilustrações. Após a leitura do livro propôs às crianças que construíssem o livro da Pequena Coruja Branca. (nota de campo nº1)

A educadora começou a exploração do livro com as crianças. Este esteve sempre voltado para as crianças que participaram activamente na história. Referindo quais os seus medos, consoante apareciam os medos do personagem principal. Após a exploração com as crianças a educadora promoveu a criação de um mapa dos medos individuais. Onde cada criança dizia quais os seus medos. (nota de campo nº 2)

Através da leitura das duas notas de campo, podemos constatar que a educadora utilizou o livro profundamente ilustrado como promotor, não só de diálogo e construção de uma história conjunta (entre ela e as crianças) como também como iniciador de actividades.

Schumm (2006) refere que a exploração e o contacto das crianças com este tipo de livros oferece as crianças inúmeros benefícios cognitivos e morais.

Este explicita que este género literário proporciona oportunidades únicas de contactar directamente com a arte. Uma vez que as ilustrações presentes neste livro revelam às crianças elementos artísticos essenciais como as linhas, formas, cor, textura e composição. Mas não só, pois permitem um contacto directo com uma grande variedade de correntes artísticas, como o realismo, surrealismo, impressionismo, arte abstracta e arte nativa. Ficando ainda a reconhecer as técnicas artísticas como a pintura a óleo, acrílico, aguarela, guache e os materiais utilizados como a grafite, pincéis, lápis de cor, pastel, tinta e caneta, colagem, digital, entre outros. Expandindo assim o seu antechecimento bem como o seu vocabulário ligado às artes. Estes são apenas os benefícios ligados à arte mas este género literário tem ainda uma vasta lista de benefícios ligados a outras áreas do conhecimento.

O autor revela que as crianças que tem a oportunidade de explorar este tipo de livros adquirem uma capacidade à qual ele nomeia de literatura visual sendo que esta é a capacidade de interpretar estímulos gráficos sendo componente importante no conhecimento da literatura. As crianças desenvolvem a sua capacidade de observação. Bainbridge e Pantaleo (n.d) acrescenta que estas e desenvolvem o conceito de história sendo que esta é uma narrativa lógica com um princípio, meio e fim, e ganham consciência dos elementos literários presentes na história, como os personagens principais, secundárias, as acções, conflitos e soluções. Desenvolvem ainda uma capacidade de compreensão, pois tem que seguir uma sequência, analisar as intenções do autor, identificar as ideias principais da narrativa e reconhecer detalhes e pormenores e a fazer previsões.

Tem um benefício importantíssimo para crianças do pré-escolar, ao nível do desenvolvimento da linguagem é que este género encoraja a descrição oral do acontecimento. O que necessita que estas observem e respeitem a sequência lógica da narrativa presente nas imagens, obrigando a que a criança estruture o seu pensamento e o seu diálogo (Schumm,2006).

as ilustrações do livro ilustrado convidam a criança a participar na história com o seu ponto de vista. Permitem ainda que as crianças conceptualizem as palavras e que transportem e adequem ao contexto onde decorre a acção.

Ao nível dos conhecimentos matemáticos potenciam a compreensão do conceito de localização espacial e temporal. Dois conceitos básicos e fundamentais à compreensão e aquisição de conhecimentos matemáticos mais complexos. Um educador deve criar inúmeras oportunidades de aprendizagens significativas às crianças, aprendizagens essas que devem conter um pouco de todos os conhecimentos. Ou seja, uma educadora não pode educar por partes, não pode promover a aquisição de conhecimentos matemáticos durante a manhã e a aquisição de conhecimentos artísticos à tarde. Esta deve ver a criança como um ser completo e deve promover o seu desenvolvimento integral

Subcategoria B2 – observações de crianças em contexto de pequeno grupo

Fazem parte desta categoria duas notas de campo, retiradas aquando da exploração do livro de Adam Stower 'Trás! - Uma história exemplar'. Estas notas de campo foram recolhidas durante a leitura e debate sobre esta obra com cinco crianças. Estas notas de campo fazem parte de uma estratégia criada, pensada e estruturada por mim e a pensar nas necessidades que tinha tendo em consideração as características do grupo em questão. Essa estratégia consistiu em criar vários momentos de leitura de livros álbuns. Neste preciso caso a estratégia utilizada foi a exploração em pequeno grupo. Onde as crianças debatiam ideias sobre a narrativa da história e sobre uma questão final proposta pelo livro 'quem causou esta confusão? Com este momento de leitura pretendi criar uma ocasião de leitura onde conseguisse observar se as crianças eram capazes ou não de ler e compreender as ilustrações e por consequência a história.

Após a hora de almoço estas cinco crianças dirigiram-se para a sala, ficando apenas comigo (estagiária). Eu mostrei-lhes o livro e pedi que me contassem a história enquanto eu pintava. (nota de campo nº3)

E esta foi a história construída pelas cinco crianças.

Du: Era uma vez um cão que tinha um osso e depois a mãe disse não batas com a porta

Fredi: a bola encravou-se e depois caiu...

Du: ai cãozinho mau!

Van Gogh: oh Duarte a bola caiu

Du: aiiii e pum mesmo em cima do gato

Carol: a velha escorregou porque o gato foi parar a cara dela

Du: puumm

Fred: risos

Ma: depois vem lá o carro dos peixes e tem um acidente porque não queria atropelar o cão do skate

Dua: e o polvo vai a saltar e tava um senhor a trabalhar no esgoto que nojo deve mesmo cheirar mal

Fredi: Risos, o homem dos bolos ficou com o peixe-espada espetado no rabo

Du: e depois Puumm o polvo caiu mesmo na cabeça do homem! E depois quando o caiu estava de skate levou com o peixe na cara

E Pumm caíram os dois homens. Eles não sabiam onde é que estavam e depois o dragão ACORDOU!!e começou a excitar toda gente.

Carol: olha aqui extraterrestres.

Ma: e o coitado do cão continuo com o peixe na cabeça, e o cão do menino estava com o rabo-queimado por causa deste fogo do dragão.

Fredi: eles não sabem que não se pode acordar dragões

Du:e o gato estava deliciado.

Van Gogh: E depois o extraterrestre picou o dragão. E o miúdo pôs a música mais alto. e depois o carro passou e esta menina foi pelos ares e depois o homem tinha o rabo á mostra. E disse ai credo.

Du: e depois PUUMMM o carro do circo bateu no carro dos gelados e o dragão caiu em cima dos dois.

Carol: e saiu uma leoa e os palhaços

Ma: olha esta cozinha palhaço. E depois ficou tudo cheio de gelado.

(nota de campo nº4)

O leitor do álbum puro ou de um livro profundamente ilustrado, recebe notas informativas apenas através de signos visuais. Sendo que muito desses signos são susceptíveis de conter informações essenciais para descodificar a mensagem, outros são secundários e outros, inclusive indispensáveis. Sendo que o leitor intui que as ilustrações estão encadeadas de uma forma coerente e subordinada. Ler é projectar hipóteses a partir da interpretação dos dados e ir constatando e corrigindo essas antecipações á medida que se prossegue na leitura. Pelo que se deve dar o tempo suficiente para a criança poder reconhecer os signos significativos e as relações que existem entre os diferentes signos que formam acção. Ler é imaginar, intuir e deduzir, nos livros álbuns estes três verbos característicos são mais evidentes uma vez que as ilustrações permitem uma maior interpretação. É ainda bastante comum que o leitor deste género literário infantil volte através no livro para rever as páginas anteriores, ou que ate mesmo volte a reler o livro após o ter terminado. Este é um acto apenas é permitido pela comunicação diferida onde o leitor tem o controlo total do processo de aquisição da informação. E é precisamente o que se sucede nos álbuns, a criança escolhe e forma a sua narrativa escolhendo a informação presente no livro. A enorme variedade de informações presentes nas ilustrações permitem inúmeras combinações possíveis e essas em conjunto com a imaginação da criança levam à criação de universo infinito de histórias e narrativas (Bosh, 2008).

Após a leitura e exploração do livro por parte das cinco crianças eu lancei o desafio: descobrir quem fora o culpado daquela grande confusão. Pergunta que resoluto neste belíssimo diálogo e debate de ideias:

Van Gogh: Foi o menino o culpado porque ele bateu com a porta. Ele bateu com a porta assim (fez o gesto de bater com a porta). E depois a bola que estava ali (aponta para cima do telhado) caiu para cima do gato.

Du: não é o dragão

Fredi: o culpado foi o tecto ou a porta.

Ma: é a carrinha do peixe porque faz acordar o dragão

Van Gogh: não! O culpado é o menino

Carol: eu não sei quem é o culpado

Van Gogh: mas eu sei quem é! É o menino. ele bateu com a porta e a mãe disse ' não batas com a porta' e quando não se faz o que a mãe diz dá asneira.

Fredi: e com barulheira da porta o gato bateu na senhora por causa da bola. Percebes?

Carol: ah!

Mad: o culpado foi quem pôs a bola em cima do telhado

Pegado nas palavras de Gloria de Bastos (1999) o livro ilustrado e os álbuns oferecem as crianças inúmeros benefícios para o seu desenvolvimento. Estes são óptimos para a estruturação de uma história ou narrativa, para a descrição oral da narrativa o que permite uma avaliação por parte da educadora do desenvolvimento linguístico da criança. é ainda importante referir que a leitura deste género narrativa oferece à criança uma oportunidade de estruturação do o seu pensamento e por consequência o seu dialogo com o outro é mais coerente. Promove o debate de ideias. O debate de ideias é essencial para a vida presente e futura da criança. O debate de ideias individualmente, ou seja, debater as suas ideias para si mesmo, é fundamental na sua vida, pois é daí que saem boas decisões, e como boas decisões considero as decisões tomadas de forma consciente onde foram analisados os prós e os contras e as consequências que delas advém. O debate de ideias com os outros, é essencial para a vida numa sociedade democrática onde todas as opiniões são validas deste que bem estruturadas e fundamentadas, e com este tipo de livro as crianças deparam-se com varias possibilidades de historia e com vários pontos de vista de outras crianças tendo que os respeitar e se não concordar deve refuta-los apresentado uma explicação. E esse debate leva não só a construção de um vocabulário mais complexo como a uma estrutura de pensamento mais organizada

Subcategoria 3 – observação em contexto individual

Esta categoria de dados inclui uma nota de campo preciosa e que demonstra claramente que as crianças entendem e conseguem ler um livro álbum puro. Esta nota de campo foi recolhida durante o tempo de recreio do almoço e com o intuito de compreender se as crianças apreendem a historia contada apenas através das ilustrações. A escolha desta criança para retirar esta nota de campo não foi muito difícil. Por ser uma criança muito expressiva oralmente, muito clara e sobretudo porque

quando eu lhe pedi para ela me contar a história do livro ela me disse “que ainda não sabia ler e por isso não conseguia contar a história.” E esta é uma ótima oportunidade para comprovar a utilidade deste pensamento.

A história d'A Aula de Tuba contada por Toia

Era uma vez um menino que saiu de casa com uma tuba debaixo do braço e a mãe dizer-lhe para ele ter cuidado no caminho. (eu entrevi e li o que o balão dizia)

Depois uma daquelas linhas que faziam no chão um dela transformou-se primeiro em um raminho com uma folha e depois num tronco de árvore, e ele largou logo a tuba e começou a subir a árvore com as duas mãos e os dois pés como os índios do Brasil (tema a ser explorado nessa semana). Depois fez aquilo da cabeça para baixo sabe? Aquilo que fazemos no recreio lá nos ferros? Ele fez isso mas na árvore. E a tuba estava cá em baixo nas linhas. Ele depois deu uma pirueta que a tuba ficou no raminho da árvore e ele ficou a dormir no chão. Depois nas linhas começaram a espreitar um coelho dois ratos, uma raposa e uma doninha fedorenta (riso) e tá aqui um nariz pequenino cor-de-rosa que não sei de que animal é. O menino acordou com esta música que está aqui no ar (nota musical) e viu aqueles animais todos a olhar para ele e ficou com um bocadinho de medo. Só a raposa é que tem um ar um pouco de má. Depois o menino agarrou na tuba e começou a tocar e a fazer música e apareceram muitos animais para o ouvir a tocar, como nos concertos. Oh apareceu uma coruja e também tá um esquilo. (riso) e a raposa tá com o nariz no meio das orelhas do coelho e já tem um ar mais alegre. Deve ser das músicas a sair. E depois o menino começou a tocar com tanta força que até parece que tem as bochechas pintadas. E os animais começaram a tentar roubar as notas da música. (risos) a raposa tá a lamber uma nota deve ser para saber a que sabe a música do menino. Os outros animais estão todos divertidos menos a coruja que está a tentar roubar uma nota, e a doninha fedorenta que não sabe dançar.

Depois apareceu um urso com um ar furioso e destruiu toda a festa. O menino largou a tuba e voava pelo ar. E tá uma grande confusão por causa do urso. Ele destruiu todas as linhas e os animais estão a cair. A raposa até levou com uma nota na cabeça

Depois o urso gritou tanto e tão alto que as notas da boca dele saíram enormes e o menino teve que tapar os ouvidos para não ficar surdo, como eu faço quando a minha Luzinha chora. Mas o menino não teve medo e apanhou a tuba do chão e começou a tocar para o urso e o urso parou de ser mau e ficou bonzinho e até queria guardar as notas da música para ele.

(risos) eu acho que aqui o urso deve estar a tentar cantar ópera. Mas as notas saem tão altas e tão grandes que deve ser uma barulheira.

Depois o menino agarrou-se a nota do urso e deu muitas voltas pelo ar só que descuidou-se e caiu em cima das linhas e rompeu as linhas mas ficou a salvo por um pauzinho.

Depois o urso salvou o menino, ficou mesmo bonzinho. Salvou e todos os animais ajudaram- parece o jogo da corda.

Depois o menino deu um abraço ao urso porque ele tinha salvado a vida do menino e todos os animais estavam a cantar (risos) e agora a raposa que até pintou os olhos está a tocar. E depois o menino foi às cavalitas do urso e só os animais foram atrás dele. As linhas parecem uma montanha russa ou um escorrega porque o coelho está a escorregar e este animal amarelo também tá a escorrega.

Depois no fim o menino chegou a uma porta em que a senhora que lá estava dentro deve ter tido alguma coisa e a porque o menino não tem uma cara contente porque ele se atrasou e a mãe disse-lhe para ele não se atrasar. As mães têm sempre razão. E os animais estão todos escondidos para a senhora não os ver se não assustar-se. Fim (nota de campo nº5)

Após a leitura desta magnífica história criada pela Toia podemos comprovar que as crianças realmente conseguem ler um álbum puro, onde não existe qualquer palavra, apenas imagens. E ao contarem esta história apercebe-se que esta tem um princípio meio e um fim, tal como um livro

narrativa. Emma Bosch (2008) explica que nos livros álbuns, como em qualquer outro género, ler consiste em identificar os signos presentes, decifrar as conexões e ligações entre os objectos, reconstruir as sequências e os diferentes significados e finalmente comprovar ou refutar a hipótese de leitura. No caso do álbum todas essas etapas são baseadas exclusivamente em ilustrações. A leitura deste género literário é imaginar, intuir e deduzir o que acontecerá.

Because of the very nature of these texts, the reading of wordless picture books is an open-ended process in which viewers read stories by bringing their background experiences and personal histories to bear on the visual images they encounter within the text (Crawford e Hade citados em Jesen e Tuten (2012) pag77)

Considerações Finais

Após escolhidas as cores pertencentes à paleta de cores, ter sido escolhidas a técnica ilustrativa e dos materiais a utilizar nesta e ainda ter sido realizada uma ilustração sobre os dados recolhidos, resta a construção da obra final como se de um álbum se tratasse. Esta última metáfora refere-se à construção das considerações finais. Esta escolha deve-se sobretudo pelas etapas deste trabalho, é como o juntar de ilustrações individuais, que como anteriormente referido, fazem parte de um todo e que depois de juntas formam uma narrativa. Da mesma forma o presente capítulo é a agregação de todas as outras partes fundamentais do trabalho e a sua interligação. Desta forma segue-se uma exploração, mas de forma mais conclusiva, sobre os objectivos e questões propostas inicialmente. Relembrado o primeiro objectivo:

- **Perceber o porque dos livros álbuns ou profundamente ilustrados serem não utilizados pela educadora como promotores de diversos conhecimentos ao nível da língua portuguesa, da escrita e leitura.**

Este é o objectivo que me dá o maior prazer de o negar e de não o ter atingido. Isto porque o facto de não conseguir cumprir este objectivo esta intimamente relacionado com o uso do livro álbum ou livro ilustrado por parte da educadora. O não cumprimento deste objectivo significa que as crianças da aula onde realizei o meu estágio não só tinham acesso a este género literário como também estes eram explorados com as crianças, sendo utilizados como pontos de partida para outras actividades.

Recordando o segundo objectivo:

- **Entender se as crianças apreendem a historia presente visualizando as ilustrações dos álbuns.**

Como foi referido anteriormente, para poder cumprir este objectivo proposto tive que traçar uma estratégia, que consistia em duas etapas. A primeira consistia criação de uma oportunidade das crianças explorarem um livro álbum em pequeno grupo. A exploração em grupo permitiu uma entre-ajuda entre as crianças, possibilitando que todos eles se apropriassem da história sem que o adulto interviesse. A segunda consistia na exploração deste género narrativo individualmente.

Explicadas as estratégias utilizadas, concluo que em ambas as estratégias utilizadas, as crianças compreenderam e narraram uma história completa, com todas as partes fundamentais de uma história (inicio, meio e fim). Construindo um discurso coeso com uma sequência lógica, temporal e espacial correcta. Desta forma pode-se concluir que as crianças onde realizei o meu estágio apreenderam as histórias contadas apenas através de ilustrações, sem recorrerem ao adulto ou sem a presença de texto.

Recordando o terceiro objectivo:

- **Conhecer quais as preferências das crianças quanto aos géneros literários infantil.**

De forma a conseguir atingir este objectivo realizei entrevistas ás crianças e após a análise das mesmas conclui que as crianças tem preferência pelos álbuns ou livros profundamente ilustrados, e essa preferência tem várias justificações. Muitas das crianças escolhem este género literário por este lhes permitir uma leitura autónoma, ou seja, por conseguirem ler os livros sozinhos sem terem que recorrer ao adulto. E isso oferece-lhes um sentimento de autonomia e aumenta a sua auto-estima.

Outros preferem este género literário porque este tem várias leituras da mesma história. É característico deste género a presença de narrativas paralelas à acção principal, ou a possibilidade de diferentes interpretações da mesma narrativa. Sendo precisamente essa a característica a que as crianças mais apreciam. Escolhendo desta forma os álbuns ou livros profundamente ilustrados como sendo seus preferidos.

Relembrando o quarto e último objectivo

- **Entender se o não uso por parte das educadoras do álbum está relacionado com os gostos das crianças no que diz respeito aos géneros da literatura infantil.**

É com enorme satisfação que me sinto obrigada a refutar um dos objectivos propostos por mim. Pois significa que a educadora utiliza este género literário como suporte do seu trabalho pedagógico. Desta forma concluo que o objectivo proposto inicialmente não pode ser observado e/ ou explorado, pois a educadora explorou livros álbuns e/ou livros profundamente ilustrados, sendo ou não esse género literário o preferido das crianças. Explorou não só este género como outros, o que demonstra uma preocupação em proporcionar diferentes conhecimentos literários.

Constrangimentos

Como foi referido anteriormente dois dos objectivos definidos inicialmente não foram cumpridos, não por falta de momentos de observações nem por falta de dados, mas sim porque os dados recolhidos em campo os refutaram. Em outro caso isso seria um constrangimento enorme, mas neste preciso caso, não é possível ser visto como algo de mau, pelo contrário. Esta refutação é um reconforto ao meu coração. Porque como já referido significa que este género é considerado, pela educadora, como um elemento fundamental no processo de desenvolvimento das crianças da aula.

Um verdadeiro constrangimento encontrado ao longo da realização deste relatório final, foi a falta de documentação teórica. Este é um tema pouco estudado em Portugal, não estando disponível grande variedade de informações teóricas. Os livros disponíveis sobre esta temática são escassos. Existem vários livros sobre esta temática disponíveis na Internet são maioritariamente escritos em Inglês. Sucederse o mesmo com os artigos sobre este tema. Sendo que a Casa da Leitura disponibiliza alguns documentos mas a maioria deles são elaborados por investigadores espanhóis. Sendo este facto a principal dificuldade encontrada ao longo do percurso, pois dificultou bastante a interpretação e fundamentação dos dados.

Visão Futura

Este género literário fascina-me imenso e sem dúvida, que não será a última vez que o explorarei. A realização deste relatório final apenas foi um início de um longo percurso a percorrer através das ilustrações da vida.

Tendo em conta todas as novas aquisições teóricas adquiridas, durante a exploração deste tema, posso afirmar que aquando da minha prática profissional este será um dos muitos 'tesouros' que irei utilizar, pois sem dúvida, é um potencializador do desenvolvimento infantil. Não só numa área específica do conhecimento mas em todos os aspectos fundamentais do desenvolvimento. É um formador de crianças completas, pois promove o desenvolvimento saudável de todas as suas capacidades. Cativando ainda o gosto pela leitura.

Reflexão pessoal

Realização do presente relatório permitiu-me adquirir uma postura mais reflexiva não só sobre este tema como também sobre a minha prática pedagógica. Como referido nas aulas da Professora Raquel Delgado é essencial que um educador tenha uma postura reflexiva em relação ao trabalho realizado e a sua postura. Ou seja, o educador deve respeitar e procurar sempre cumprir a sua função reflexiva pois esta é essencial para a sua carreira. Essa função consiste na postura que o educador assume perante a sua prática pedagógica, este deve assumir uma atitude dialogante com o real pedagógico. Esta atitude exige do educador uma constante reflexão e o constante questionamento sobre a sua atitude. Mas não basta apenas interrogar-se sobre as várias questões que surgem ao longo do dia, essas questões têm que ser respondidas de forma não só pessoal mas sustentada por pareceres teóricos aceites. Ou seja, deve ser uma resposta fundamentada tendo em conta as teorias e crenças aceites e defendidas. O processo reflexivo é essencial para um melhoramento quer a nível pessoal quer a nível profissional, pois este requer uma abertura de espírito que permita aceitar e respeitar diferentes opiniões, e uma grande capacidade de enquadramento dessas opiniões e teorias. Pois para além das teorias e crenças aceites o educador deve ter em conta o grupo de crianças com o qual realiza a sua prática pedagógica. Pois nem todas as crenças e teorias aceites se adequam ao grupo e as suas necessidades.

O educador tem que ter a capacidade de olhar para além do que é visível a olho nu, tem que ter consciência dos seus actos e das consequências que daí advêm. Ao utilizar o termo consequências não me refiro somente as situações más mas também aos pontos positivos. O educador tem que ter sempre presente que a sua atitude tem efeitos na criança em todo o nível do seu desenvolvimento.

Esta reflexão sobre a função reflexiva do educador está aqui abordada de uma forma mais geral propositadamente. No meu ponto de vista, não faria sentido algum realizar uma reflexão pessoal e final que se basear-se apenas no tema escolhido, até porque este relatório exigiu muita mais de mim do que apenas uma aquisição de conhecimentos sobre o livro profundamente ilustração ou sobre o álbum, exigiu de mim uma postura muito mais reflexiva, não só aquando da elaboração escrita deste relatório como também ao longo de todo o meu percurso de estágio. Sendo este relatório é o culminar de quadro maravilhosos e trabalhosos anos de formação superior e uma vez que terminarei o Mestrado com educadora de infância tendo apenas os conhecimentos base de Literatura Infantil, fez todo o sentido para mim, realizar esta reflexão final sobre o papel reflexivo de um educador.

Referencias Bibliograficas

Bastos, G. (1999) Literatura Infantil e Juvenil. Lisboa. Universidade Aberta

Costa, A. (1983) Questões sobre a historia da Literatura Portuguesa. Porto: Edições ASA

Goldberg L. Germano, Yunes. Maria, Freitas. José (2005), o desenho infantil na oticada ecologia do desenvolvimntohumano ,*Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005
Saraiva, A; Lopes, O. (nd) 13º edição. Historia da literatura Portuguesa. Lisboa, Porto Editora

Saraiva, A e Lopes, O. 13ª edição. Historia da Literatura Portuguesa. Porto: Porto Editora

Silva, V. () Notúla sobre o conceito de literatura Infantil. Sebenta da Unidade Curricular de Literatura

Spodek, B. (2002) Manual de Investigação em Educação de Infância. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa

Topa, F. (1998) Olhares sobre a Literatura Infantil. Porto: edição de autor

Livros electrónicos

Aires, L. (2011). Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/1/Paradigma%20Qualitativo%20e%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Educacional.pdf>

Armas, J. (2003) Estrategias de desbordamiento en la ilustración de libros infantiles. Disponível em: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/abz_indices/000766_ED.pdf

Bainbridge, J. & Pantaleo, S. (1999) Learning with literature in the Canadian elementary classroom. Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=iNlb8vp8VKAC&printsec=frontcover&dq=Learning+with+literature+in+the+Canadian+elementary+classroom&hl=en&sa=X&ei=QmX0UZOKN-aM7Qaby4D4CQ&ved=0CDAQ6wEwAA#v=onepage&q=Learning%20with%20literature%20in%20the%20Canadian%20elementary%20classroom&f=false>

Bresler, L. (1991) Qualitative research methodology in music education. Disponível em:

http://faculty.education.illinois.edu/liora/sub_directory/pdf/QRmeth.pdf

Bosh, E. (2008) Cúantas veces hay que leer un álbum sin palabras? Estrategias y juegos de observación para fomentar la relectura. Disponível em: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_cuantas_veces_leer_album_sin_palabras_b.pdf

Colomer, Teresa (2006) La educación sentimental en los álbumes infantiles actuales. Disponível em: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_ed_sentimental_albumes_a.pdf

Costa, M. (2009) Literatura, Leitura e Aprendizagem. Disponível em:

http://books.google.pt/books?id=1hswSu1nAyMC&pg=PA101&dq=ilustra%C3%A7ao+infantil&hl=en&sa=X&ei=59XSUfDhH4zX7AaR84DAAw&redir_esc=y#v=onepage&q=ilustra%C3%A7ao%20infantil&f=false

Domiciano, C. e Coquet, E (2008) Livros sem texto: modos de leitura. Disponível em:
http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_cassia_domiciano_a.pdf

Duran, Teresea (2008) Aprendiendo de los álbumes.
Disponível em: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_aprendiendo_d_e_los_albumes_d.pdf

Facco, Lúcia (2009). Era uma vez um casas diferente: a temática homossexual na educação literárias infanto-juvenil. Disponível em:
http://books.google.pt/books?id=nuSYlmTFfEQC&pg=PA5&dq=Era+uma+vez+um+casa+diferente:+a+tematica+homossexual+na+educa%C3%A7ao+literarias+infanto-juvenil.&hl=pt-PT&sa=X&ei=gWL0Ua6oG8OM7QaGuoGwCg&redir_esc=y#v=onepage&q=Era%20uma%20vez%20um%20casa%20diferente%3A%20a%20tematica%20homossexual%20na%20educa%C3%A7ao%20literarias%20infanto-juvenil.&f=false

Jesen, D. e Tuten, J. (2012) Successful reading assessments and interventions for struggling readers – Lessons from Literacy Spac.
Disponível em: http://books.google.pt/books?id=KeLWgC4pC3UC&pg=PA77&dq=wordless+picture+books&hl=en&sa=X&ei=xyf1Ua_eDJDn7AbiuYC4Dw&ved=0CFcQ6AEwCDgK#v=onepage&q=wordless%20picture%20books&f=true

López, C. (2008) Lectura integrada: valores y funciones de las relaciones adulto-niño en algunos álbumes ilustrados. Disponível em:
http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_lectura_integrada_b.pdf

MORAES, R. (1999) Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html

Nodelman, P. (1988) Words About Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books.
Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=YHPmmt9VvF8C&pg=PA299&dq=Preferences+in+literature+children+picture&hl=en&sa=X&ei=4HrxUaHoO6qL7AaQl4DYAQ&ved=0CDMQ6AEwAQ#v=onepage&q=Preferences%20in%20literature%20children%20picture&f=false>

Peterson, S. & Swartz (2008) Good Books Matter – How to choose and use children's literature to help students grow up as readers. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=JbtEFyoXP-gC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Pettersson, R (1993) Visual Information. Disponível em:
<http://books.google.pt/books?id=nqYqMOX9BhAC&pg=PA87&dq=Preferences+in+literature+chil>

dren+picture&hl=en&sa=X&ei=4HrxUaHoO6qL7AaQl4DYAQ&ved=0CFQQ6AEwBw#v=onepage&q=Preferences%20in%20literature%20children%20picture&f=false

Rodgers, F. (1972) Children's preference in picture Book Illustration. Disponivelem: http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el_197212_stewig.pdf

Rodrigues, C.(2009) O álbum narrativo para a infância: Os segredos de um encontro de linguagens. Disponivelem: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalebta/bo/abz_indices/002228_ot_o_album_narrativo_para_a_infancia_b.pdf

Saramago, J.(nd) As Pequenas Memórias. Disponivelem:

<http://recursos.wook.pt/recurso?&id=4503385>

Schumm, Jeanne (2006). Reading Assessment and instruction for all learners. Disponível em:

<http://books.google.pt/books?id=HJI7QMYE3BIC&printsec=frontcover&dq=Reading+Assessment+and+instruction+for+all+learners.&hl=en&sa=X&ei=cmT0UfSEHYyN7AbfmIHwBA&ved=0CD AQ6wEwAA#v=onepage&q=Reading%20Assessment%20and%20instruction%20for%20all%20learners.&f=false>

Stood, Barbara; Amspaugh, Linda e Hunt, Jane (1996). Children's Literature – discovery for a lifetime. Disponível em:

http://books.google.pt/books?id=6ESvpGMd5DAC&printsec=frontcover&dq=Children's+Literature+%E2%80%93+discovery+for+a+lifetime.+Dispon%3%ADvel+em:&hl=pt-PT&sa=X&ei=q2P0UZ1Dr5DsBu_UgbgB&ved=0CDcQ6wEwAA#v=onepage&q=Children's%20Literature%20%E2%80%93%20discovery%20for%20a%20lifetime.%20Dispon%3%ADvel%20em%3A&f=false

Torrijos, M.(2005) LITERATURA INFANTIL DE TRADICIÓN ORAL.

UNA APROXIMACIÓN DESDE SUS GÉNEROS. Disponivelem: <http://webs.ono.com/garoz/G5-Ramontorrijos.pdf>

ANEXOS

Entrevistas

Gosta mais dos livros com poucas ou sem palavras ou dos que tem muitas palavras?

Entrevista nº 1, data: 12/6/2013

Toia

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

poucas... Quer dizer, zero palavras. Eu adoro daqueles que se tem de descobrir a história. Eu gosto daqueles que tenho que descobrir a história e daqueles que me contam a história, porque são os dois importantes e muito uteis

Entrevista nº 2, data: 12/6/2013

Madalena

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Gosto dos que tem zero palavras.

Porque gosta mais desses?

Porque podemos inventar uma história, ou imensas histórias com um livro só. Podemos inventar a história toda

Entrevista nº 3, data: 12/6/2013

Gui

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Dos que tem mini letras

Porque gosta mais desses?

Porquesão mais divertidos e muito malucos

Entrevista nº 4, data: 12/6/2013

Fredi

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Dos sem letras

Porque gosta mais desses?

Porque tem coisas divertidas

Entrevista nº 5, data: 12/6/2013

Jó

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Daqueles que não tem palavras

Porque gosta mais desses?

Porquesão mais divertidos e dá para fazer histórias

Entrevista nº 6, data: 13/6/2013

Maria1

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Dos sem letras nenhuma

Porque gosta mais desses?

Porque são mega divertidos. E consigo ver sozinha

Entrevista nº 7, data: 13/6/2013

Maria

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Porque gosta mais desses?

Entrevista nº 8, data: 13/6/2013

Cica

Quais os livros que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Daqueles que tem poucas palavras

Porque gosta mais desses?

Porque são mais engraçados

Entrevista nº 9, data: 14/6/2013

Duarte Martinho

Quais os livros que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Daqueles que não tem palavras

Porque gosta mais desses?

Porque gosto, porque são mais giro.

Entrevista nº 10, data: 14/6/2013

Duarte Camara

Quais os livros que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Dos de zero palavras

Porque gosta mais desses?

Porque são mega malucos e divertidos

Entrevista nº 11, data: 17/6/2013

Titi

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Dos que não tem palavras, eu gosto dos livros de princesas que não tem palavras

Porque gosta mais desses?

Porque são mais giros, e porque são muitas histórias num livro

Entrevista nº 12, data: 17/6/2013

João

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Dos que não tem nem uma palavra

Porque gosta mais desses?

Porque me fazem rir e porque posso contar a história sozinho

Entrevista nº 13, data: 17/6/2013

Guga

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Das zero palavras

Porque gosta mais desses?

Porque gosto mais, porque são mais engraçados sem letras

Entrevista nº 14, data: 17/6/2013

Vicente

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Poucas palavras ou zero palavras

Porque gosta mais desses?

Porque são mais interessantes, porque podemos ver muitas vezes e são sempre diferentes,

Entrevista nº 15, data: 17/6/2013

Carol

Quais os livros de que gosta mais? Dos que tem poucas ou nenhuma palavras e letras ou daqueles que tem muitas letras?

Poucas palavras

Porque gosta mais desses?

Porque são giros, porque gosto mais

Notas de Campo

Nota de campo nº 1

Data	09-04-13
Situação	Leitura e Exploração do livro ' A pequena Coruja branca'
Descrição	<p>Após o recreio da manhã (10 – 10,30) todas as crianças da aula entraram na aula sentaram-se nas suas almofadas em meia-lua. A educadora sentada numa cadeira começou a explorar o livro d 'A Pequena Coruja Branca: - ' a M a irmã do Fred emprestou-nos este livro para vermos' a educadora começou a contar a história da coruja branca.</p> <p>Cada página do livro foi lida pela educadora com o livro voltado para ela, e após a leitura de cada página eram mostradas as ilustrações às crianças. Aquando da observação das ilustrações as crianças participavam na construção da história fazendo comentários sobre as acções a decorrerem nas ilustrações.</p> <p>Após a leitura do livro propôs as crianças construísse cada uma delas o livro Da Coruja Branca. Propondo que cada criança copiasse as ilustrações do livro original para um livro individual em tamanho A5. A cópia das ilustrações tinha que ser integral.</p> <p>Em seguida deu um livro feito em folhas de papel A4 dobradas ao meio e agrafadas ao centro, a cada criança. Quando já todos tinham o livro explicou-me que o objectivo da actividade era começarem e acabarem um trabalho, mesmo que esse demorasse mais tempo do que eles estavam habituados. Ou seja, era um exercício de preparação para a escola primária e o uso do manual.</p>
Reflexão	<p>CarmenLópez (2008) afirma que o primeiro contacto que as crianças mais pequenas devem ter com os livros devem ser aqueles onde predomina a imagem, e mais tarde quando finalidade tiverem adquirido o código escrito e forem capazes de seguir uma história através da leitura devem-lhes ser apresentadas obras mais complexas, onde a imagem e o texto convivam como um todo.</p>

Nota de campo nº 2

Data	15-04-13
Situação	Leitura do Grande Livro dos medos do pequeno rato
Descrição	<p>Após o recreio da manhã (10.00 as 10.30) todas as crianças sentaram-se nas suas almofadas de forma calma. A educadora já tinha posicionado a sua cadeira ao centro da meia roda formada pelas crianças. E deu início à actividade: vamos ver o livro que a Kika trouxe hoje...chama-se Grande Livro dos medos do pequeno rato</p> <p>A Kika participou nesta intervenção afirmando que o livro tinha sido emprestado Pela sua avo.</p> <p>A educadora começou a exploração do livro com as crianças. Este esteve sempre voltado para as crianças que participaram activamente na história. Referindo quais os seus medos, consoante apareciam os medos do personagem principal.</p> <p>Após a exploração com as crianças a educadora promoveu a criação de um mapa dos medos individuais. Onde cada criança dizia quais os seus medos.</p>
Reflexão	<p>Schumm(2006) refere que a exploração e o contacto das crianças com este tipo de livros oferece as crianças inúmeros benefícios cognitivos e morais.</p> <p>Este explicita que este género literário proporciona oportunidades únicas de contactar directamente com a arte. Uma vez que as ilustrações presentes nestes livros revelam às crianças elementos artísticos essenciais como as linhas, formas, cor, textura e composição. Mas não só, pois permitem um contacto directo com uma grande variedade de correntes artísticas, como o realismo, surrealismo, impressionismo, arte abstracta e arte nativa. Ficando ainda a reconhecer as técnicas artísticas como a pintura a óleo, acrílico, aguarela, guache e as matérias utilizados como a grafite, pincéis, lápis de cor, pastel, tinta e caneta, colagem, digital, entre outros. Expandindo assim o seu antechecimento bem como o seu vocabulário ligado às artes. Estes são apenas os benefícios ligados à arte mas este género literário tem ainda uma vasta lista de benefícios ligados a outras áreas do conhecimento.</p> <p>O autor revela que as crianças que tem a oportunidade de explorar este tipo de livros adquirem uma capacidade à qual ele nomeia de literatura visual sendo que esta é a capacidade de interpretar estímulos gráficos sendo componente importante no conhecimento da literatura. As crianças desenvolvem a sua capacidade de observação. Bainbridge e Pantaleo (n.d) acrescenta que estas e desenvolvem o conceito de historia sendo que esta é uma narrativa lógica com um principio, meio e fim, e ganham consciência dos elementos literários presentes na historia, como os personagem principais, secundarias, as acções, conflitos e soluções. Desenvolvem ainda uma capacidade de compreensão, pois tem que</p>

seguir uma sequência, analisar as intenções do autor, identificar as ideias principais da narrativa e reconhecer detalhes e pormenores e a fazer previsões.

Tem um benefício importantíssimo para crianças do pré-escolar, ao nível do desenvolvimento da linguagem é que este género encoraja a descrição oral do acontecimento. O que necessita que estas observem e respeitem a sequência lógica da narrativa presente nas imagens, obrigando a que a criança estruture o seu pensamento e o seu dialogo. (Schumm(2006)

As ilustrações do livro ilustrado convidam a criança a participar na história com o seu ponto de vista. Permitem ainda que as crianças conceptualizem as palavras e que transportem e adequem ao contexto onde decorre a acção.

Nota de campo nº3

Data	28-05-13
Situação	Exploração em pequenos grupos do livro Trás – Duarte C, Vicente, Madalena, Carolina, Frederico
Descrição	<p>Após a hora de almoço estas cinco crianças dirigiram-se para a sala, ficando apenas comigo (estagiaria). Eu mostrei-lhes o livro e pedi que me contassem a história enquanto eu pintava. Laçando ainda um desafio: descobrir quem era o culpado daquela confusão toda.</p> <p>Estagiaria: no final do livro o menino pergunta quem terá armado aquela enorme confusão e é isso que eu quero que vocês me digam. (Abre o livro) este balão de fala diz: “não batas com a...”</p> <p>Duarte: Era uma vez um cão que tinha um osso e depois a mãe disse não batas com a porta</p> <p>Fred: a bola encravou-se e depois caiu...</p> <p>Duarte: ai cãozinho mau!</p> <p>Vicente: oh Duarte a bola caiu</p> <p>Duarte: aiiii e pum mesmo em cima do gato</p> <p>Carol: a velha escorregou porque o gato foi parar a cara dela</p> <p>Duarte: puumm</p> <p>Fred: risos</p> <p>Madalena: depois vem lá o carro dos peixes e tem um acidente porque não queria atropelar o cão do skate</p> <p>Duarte: e o polvo vai a saltar e tava um senhor a trabalhar no esgoto que nojo deve mesmo cheirar mal</p> <p>Fred: Risos, o homem dos bolos ficou com o peixe-espada espetado no rabo</p> <p>Duarte: e depois Pum o polvo caiu mesmo na cabeça do homem! E depois quando o caiu estava de skate levou com o peixe na cara</p> <p>E Pumm caíram os dois homens. Eles não sabiam onde é que estavam e depois o dragão ACORDOU!E começou a excitar toda gente.</p> <p>Carol: olha aqui extraterrestres.</p> <p>Madalena: e o coitado do cão continuo com o peixe na cabeça, e o cão do menino estava com o rabo queimado por causa deste fogo do dragão.</p>

Fred: eles não sabem que não se pode acordar dragões
Duarte: e o gato estava deliciado.
Vicente: E depois o extraterrestre picou o dragão. E o miúdo pôs a música mais alto. E depois o carro passou e esta menina foi pelos ares
E depois o homem tinha o rabo á mostra. E disse ai credo.
Duarte: e depois PUUMMM o carro do circo bateu no carro dos gelados e o dragão caiu em cima dos dois.
Carol: e saiu um leão e os palhaços
Madalena: olha esta cozinha palhaço. E depois ficou tudo cheio de gelado.

Reflexão

O leitor do álbum puro ou de um livro profundamente ilustrado, recebe notas informativas apenas através de signos visuais. Sendo que muito desses signos são susceptíveis de conter informações essenciais para descodificar a mensagem, outros são secundários e outros, inclusive indispensáveis. Sendo que o leitor intui que as ilustrações estão encadeadas de uma forma coerente e subordinada.

Ler é projectar hipóteses a partir da interpretação dos dados e ir constatando e corrigindo essas antecipações á medida que se prossegue na leitura. Pelo que se deve dar o tempo suficiente para a criança poder reconhecer os signos significativos e as relações que existem entre os diferentes signos que formam acção. Ler é imaginar, intuir e deduzir, nos livros álbuns estes três verbos característicos são mais evidentes uma vez que as ilustrações permitem uma maior interpretação. É ainda bastante comum que o leitor deste género literário infantil volte através no livro para rever as páginas anteriores, ou que ate mesmo volte a reler o livro após o ter terminado. Este é um acto apenas é permitido pela comunicação diferida onde o leitor tem o controlo total do processo de aquisição da informação. E é precisamente o que se sucede nos álbuns, a criança escolhe e forma a sua narrativa escolhendo a informação presente no livro. A enorme variedade de informações presentes nas ilustrações permitem inúmeras combinações possíveis e essas em conjunto com a imaginação da criança levam à criação de universo infinito de histórias e narrativas (Bosh 2008)

Nota de campo nº 4

Data	20-08-13
Situação	Exploração em pequeno grupo – quem foi o culpado desta grande confusão
Descrição	<p>Após a exploração do livro em pequeno grupo, descrita na nota de campo nº--- Eu perguntei: então mas afinal quem foi o grande culpado desta confusão? Vicente: Foi o menino o culpado porque ele bateu com a porta. Ele bateu com a porta assim (fez o gesto de bater com a porta). E depois a bola que estava ali (aponta para cima do telhado) caiu para cima do gato. Duarte: não é o dragão Fred: o culpado foi o tecto ou a porta. Madalena: é a carrinha do peixe porque faz acordar o dragão Vicente: não! O culpado é o menino Carol: eu não sei quem é o culpado Vicente: mas eu sei quem é! É o menino. Ele bateu com a porta e a mãe disse ' não batas com a porta' e quando não se faz o que a mãe diz dá asneira. Fred: e com barulheira da porta o gato bateu na senhora por causa da bola. Percebes? Carol: ah! Madalena: o culpado foi quem pôs a bola em cima do telhado</p> <p>A conversa foi interrompida pela Kika que os veio chamar para a aula de inglês</p>
Reflexão	<p>Pegado nas palavras de Gloria de Bastos (1999) o livro ilustrado e os álbuns oferecem as crianças inúmeros benefícios para o seu desenvolvimento. Estes são óptimos para a estruturação de uma historia ou narrativa, para a descrição oral da narrativa o que permite uma avaliação por parte da educadora do desenvolvimento linguístico da criança. Mas mais importante que isso este permite que a criança estruture o seu pensamento e por consequência a sua fala. Promove o debate de ideias. O debate de ideias é essencial para a vida presente e futura da criança. O debate de ideias individualmente, ou seja, debater as suas ideias para si mesmo, é fundamental na sua vida, pois é daí que saem boas decisões, e como boas decisões considero as decisões tomadas de forma consciente onde foram analisados os prós e os contras e as consequências que delas advém. O debate de ideias com os outros, é essencial para a vida numa sociedade democrática onde todas as opiniões são validas deste que bem estruturadas e fundamentadas, e com este tipo de livro as crianças deparam-se com varias possibilidades de historia e com vários pontos de vista de outras crianças tendo que os respeitar e se não concordar deve refuta-los apresentado uma explicação. E esse debate leva não só a construção de um vocabulário mais complexo como a uma estrutura de pensamento mais organizada</p>

Data	31-05-13
Situação	Exploração individual do livro ' A aula de tuba' - Toia
Descrição	<p>Após a hora do almoço, durante o recreio aToia ficou comigo na aula, e eu pedi que ela me contasse a história daquele meu livro novo, enquanto eu acabava um trabalho. Ao que ela rapidamente me respondeu: que ainda não sabia ler e por isso não conseguia contar a história. Que eu respondi para não se preocupar com isso e ler apenas o que conseguia. E ela começou a explorar o livro...</p> <p>E daquelas linhas que faziam o chão uma delas transformou-se primeiro em um raminho com uma folha e depois num tronco de árvore, e ele largou logo a tuba e começou a subir a árvore com as duas mãos e os dois pés como os índios do Brasil (tema a ser explorado nessa semana). Depois fez aquilo da cabeça para baixo sabe? Aquilo que fazemos no recreio la nos ferros? Ele fez isso mas na árvore. E a tuba estava cá em baixo nas linhas. Ele depois deu uma pirueta que a tuba ficou no raminho da árvore e ele ficou a dormir no chão. Depois nas linhas começaram a espreitar um coelho dois ratos, uma raposa e uma doninha fedorenta (riso) e ta aqui um nariz pequenino cor-de-rosa que não sei de que animal é. O menino acordou com esta música que está aqui no ar (nota musical) e viu aqueles animais todos a olhar para ele e ficou com um bocadinho de medo. Só a raposa é que tem um ar um pouco de má. Depois o menino agarrou na tuba e começou a tocar e a fazer musica e apareceram muitos animais para o ouvir a tocar, como nos concertos. Oh apareceu uma coruja e também tá um esquilo. (riso) e a raposa ta com o nariz no meio das orelhas do coelho e já tem um ar mais alegre. Deve ser das músicas a sair. E depois o menino começou a tocar com tanta força que até parece que tem as bochechas pintadas. E os animais começaram a tentar roubar as notas da música. (risos) a raposa ta a lamber uma nota deve ser para saber a que sabe a música do menino. Os outros animais estão todos divertidos menos a coruja que está a tentar roubar uma nota, e a doninha fedorenta que não sabe dançar.</p> <p>Depois apareceu um urso com um ar furioso e destruiu toda a festa. O menino largou a tuba e voava pelo ar. E ta uma grande confusão por causa do urso. Ele destruiu toadas as linhas e os animais estão a cair. A raposa até levou com uma nota na cabeça</p> <p>Depois o urso gritou tanto e tão alto que as notas da boca dele saíram enormes e o menino teve que tapar os ouvidos para não ficar surdo, como eu faço quando a minha Luzinha chora.</p> <p>Mas o menino não teve medo e apanhou a tuba do chão e começou a tocar par ao urso e o urso parou de ser mau e ficou bonzinho e até queria guardar as notas da música para ele.</p> <p>(risos) eu acho que aqui o urso deve estar a tentar cantar ópera. Mas as notas saem tão altas e tão grandes que deve ser uma barulheira.</p> <p>Depois o menino agarrou-se a nota do urso e deu muitas voltas pelo ar só que descuidou-se e caiu em cima das linhas e rompeu as linhas mas fixou a salvo por um pauzinho.</p> <p>Depois o urso salvou o menino, ficou mesmo bonzinho. Salvou e todos os animais ajudaram- parece o jogo da corda.</p> <p>Depois o menino deu um abraço ao urso porque ele tinha salvado a vida do menino e todos os animais estavam a cantar (risos) e agora a raposa que até pintou os olhos está a tocar. E depois o menino foi as cavalitas do urso e todos só os animais foram atrás dele. As linhas parecem uma montanha russa ou um escorrega porque o coelho</p>

está a escorregar e este animal amarelo também ta a escorrega
. Depois no fim o menino chegou a uma porta em que a senhora que la estava dentro deve ter tido alguma coisa e a porque o menino a não tem uma cara contente. E os animais estão todos escondidos para a senhora não os ver se ano assustar-se. Fim

Reflexão

Emma Bosch (2008) explica que nos livros álbuns, como em qualquer outro género, ler consiste em identificar os signos presentes, decifrar as conexões e ligações entre os objectos, reconstruir as sequências e os diferentes significados e finalmente comprovar ou refutar a hipótese de leitura. No caso do álbum todas essas etapas são baseadas exclusivamente em ilustrações. A leitura deste género literário é imaginar, intuir e deduzir o que acontecerá.

Because of the very nature of these texts, the reading of wordless picture books ins an open-ended process in which viewers read stories by bringing their background experiences and personal histories to bear on the visual images the encounter within the text (Crawford e Hade citados em Jesen e Tuten (2012) pag77)